

DE00972014RL/RCMC
Director:
 Francisco Figueiredo
 –
Semanário Regional
 Quinta-feira,
 11 de Setembro de 2025
 Ano: 112 | N.º 6010
PREÇO DE CAPA: 0,50€

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

A dar notícias desde 1913

5.ª F ☀️ 10° 30°	6.ª F ☁️ 13° 30°	Sáb. ☁️ 11° 30°	Dom. ☁️ 13° 33°
2.ª F ☁️ 14° 33°	3.ª F ☁️ 14° 32°	4.ª F ☁️ 13° 30°	☀️ 07:11h ☀️ 19:40h

OPINIÃO

“País sem Glória”,
pelo director do NC,
Francisco Figueiredo
Pág. 21

COVILHÃ

Cinzas, luto e aflição:
o que fica do maior
incêndio de sempre
Pág. 2, 4 e 5

UBI

Já chegaram à cidade
os mais de
1200 novos alunos
Pág. 6

BELMONTE

Migrantes passam
a ter centro de apoio
à integração
Pág. 14

FUTEBOL

Leões da Serra
à procura da primeira
vitória no campeonato
Pág. 19

AUTÁRQUICAS 2025

A VOZ DOS CANDIDATOS

Págs. 10 a 14

O NC começa, neste número, a ouvir as propostas
de quem quer liderar as autarquias da região

PUBLICIDADE

◆◆◆ SORTELHA • SABUGAL ◆◆◆

MURALHAS COM HISTÓRIA

19 • 20 • 21 SETEMBRO • 2025

MERCADO MEDIEVAL,
TABERNAS E ANIMAÇÃO CONTÍNUA.
RECREAÇÃO HISTÓRICA.

www.cm-sabugal.pt



SABUGAL
SURPREENDA OS SENTIDOS

PROGRAMA





FRANCISCO FIGUEIREDO

CRÓNICA

TEMPOS DE CINZA



FRANCISCO FIGUEIREDO
DIRECTOR

“(...) a experiência mostra-nos que para muitos dos titulares de cargos públicos, ou candidatos a tal, o jornalismo de qualidade está directamente ligado à forma como são tratados pela comunicação social”

Olá, cá estamos de novo. Nos tempos que correm, voltar é obra. Por uma floresta de razões. Desde logo o período de pré-campanha em que vivemos quase em permanência, e que é pasto para a desinformação, para a mentira, para os fanfarrões. Depois, porque eleições autárquicas no verão são também “lume” para o aumento de actividade de pirómanos. E como é difícil resistir à tentação de escrever sobre uma região inteira a arder. Há outros que o fazem bem melhor. E finalmente, num país que trata os jornalistas quase como uns bandidos, chega a ser um pouco frustrante manter uma linha de continuidade desenhada com isenção, com rigor, em independência. Sem deixar de considerar a paupérrima situação económica das empresas, que têm por isso dificuldades em pagar por publicidade nos meios de comunicação. Quanto ao que exercemos, podemos e devemos perguntar a alguns

políticos, o que entendem por bom jornalismo, creio que sem resultados objectivos e genuínos, porque já o tendo feito bastas vezes, a experiência mostra-nos que para muitos dos titulares de cargos públicos, ou candidatos a tal, o jornalismo de qualidade está directamente ligado à forma como são tratados pela comunicação social. O destaque dado à repercussão dos seus feitos, a contagem dos seus passos, ou a divulgação das suas intenções, são as métricas que os ajudam a definir como aqueles jornalistas ou aqueles órgãos de comunicação, são colocados na tabela classificativa do “bom jornalismo”. Nós por cá, e fazendo face a todas as limitações, continuamos a cumprir bem acima dos mínimos as funções que nos são confiadas pelos leitores, a quem todas as semanas seja neste papel ou no digital, temos prestado contas. Do que se passa na cidade, no concelho, na região. Sem nos esquecermos do mundo.



NÓS, NÃO EU!

É talvez o vocábulo do novo século. Eu. Do latim ego, é um pronome pessoal, a primeira pessoa do singular. Em contexto de actualidade, e a avaliar pelo percorrer diário pelas linhas do tempo das sociedades, o “eu” é o retrato de uma pessoa singular, única, exclusiva, como não

há igual. “Eu sou, eu vi, eu fiz, eu estive, eu... sei lá como não poderia deixar de ser, porque eu sou mesmo o maior”. Bom, a realidade mostra-nos como é exactamente o contrário. E aqui, como trabalhador do Notícias da Covilhã, reforço a inevitabilidade de que só se ganha

em equipa. O jornal é um espaço de comunicação, de conhecimento, de debate, de colectivo, de diálogo, de partilha. Por mais que dominem as técnicas, e sejam eficientes nos procedimentos, os individualistas não vão longe, e tendem a ser infelizes.

FICHA TÉCNICA

Notícias da Covilhã – Semanário Regional

DIRECTOR Francisco Figueiredo | **REDACÇÃO/COORDENAÇÃO/EDIÇÃO** João Alves (C.P. 3898) | **PAGINAÇÃO** Rui Delgado | **DESIGNER** Francisca Caetano | **COLABORADORES** André Amaral, António Rodrigues de Assunção, Carlos Madaleno, Filipe Pinto, (foto), Graça Rojão, José Avelino Gonçalves, José Henriques, Pedro Castaño, Pedro Seixo Rodrigues | **CORRESPONDENTES** João Cunha (Paul), Maria de Jesus Valente (Erada) e Rui F. L. Delgado (Teixoso) | **IMPRESSÃO** FIG – Indústrias Gráficas SA – Rua Adriano Lucas, 3020-265 Coimbra | **SEDE DO EDITOR** (Contabilidade, publicidade, redacção e administração) Notícias da Covilhã – Rua Jornal Notícias da Covilhã, 65 R/C; 6201-015 Covilhã | **PROPRIETÁRIO** Gold Digger, Lda.; **NIPC** 513 904 301 | **DISTRIBUIÇÃO** Notícias da Covilhã | **N.º DE REGISTO** 101753 | **N.º DEPÓSITO LEGAL** 513502/23 | **TIRAGEM** 6 mil exemplares (semana) | **TELEFONE** 275 035 378 | **CONTACTOS** geral@noticiasdacovilha.pt, redacao@noticiasdacovilha.pt, comercial@noticiasdacovilha.pt

112
ANOS

PUBLICIDADE



Foto: Pedro Figueiredo

Organização:

ASTA
teatro e outras artes

Estrutura financiada por:



Parceiros:



Media partner:



contradanca.pt



COVILHÃ

MAIOR INCÊNDIO DE SEMPRE

FICAM AS CINZAS E A MEMÓRIA DA AFLIÇÃO

Foram 11 dias de luta. O fogo que começou em Arganil, a 13 de agosto, queimou a maior área de sempre em Portugal: 64 mil hectares. No concelho da Covilhã, valores serão superiores a 20 mil. Tenta-se agora “renascer” das cinzas

JOÃO ALVES

As casas safaram-se, (à exceção de duas de segunda habitação, segundo a autarquia), mas muitas das culturas que são sustento de muita gente, como o olival, perderam-se. E agora, fazem-se contas à vida para saber como recomeçar. “Colhia ali mais de 800 quilos de azeitona. Tinha árvores de fruto e vivia da agricultura. E agora, como faço? Peço o rendimento mínimo?” pergunta-nos uma agricultora na zona da Erada, que recorda com emoção os dias em que as chamas andaram à porta de casa. “Foi um inferno” assegura.

A Covilhã assistiu, em agosto, àquele que, segundo o presidente da Câmara, Vítor Pereira, foi “o maior incêndio de sempre” no concelho. Arderam mais de 20 mil hectares (segundo os primeiros dados do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas- ICNF), mais do que em todos os concelhos do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) afetados pelo grande incêndio de agosto de 2022, segundo o autarca. Números enormes naquele que foi, também segundo o ICNF, o incêndio com maior área ardida de sempre em Portugal, com 64 mil hectares consumidos pelas chamas.

Durante 11 dias, todos (desde proteção civil, bombeiros, GNR e populares) lutaram contra as chamas que começaram no Piodão (distrito de Coimbra, concelho de Arganil), mas que depressa passaram para os distritos de Guarda (em Teixeira, concelho de Seia) e Castelo Branco. Neste último, a “porta de entrada” foi pelas Pedras Lavradas, chegando ao concelho da Covilhã, onde em diversas localidades da Corda da Serra (Erada, Peso, Dominguiso, Paul, Ourondo, Casegas, Barco, Coutada, Tortosendo, Unhais da Serra, Cortes do Meio, Cortes de Baixo e Bouça) se viveram dias e noites de pânico, com o fogo a não parar e a invadir também os concelhos do Fundão (Silvares, Soalheira,

Alpedrinha ou Castelo Novo) e Castelo Branco (São Vicente da Beira). Passados vários dias, há quem não esqueça o que passou. “Foi um susto. Estávamos cercados pelo fogo. Mas a população foi heroica, que os bombeiros não conseguiam acudir a todo o lado” diz-nos um popular no Paul. Em Unhais da Serra, Valdemar recorda quando as chamas andaram perto da sua casa. “Foi uma afronta. Andámos assustados, com o medo que o fogo chegasse às casas e ardesse tudo. Ninguém imagina o que foi este inferno. Ninguém dormiu” afiança ao NC.

Foi com uma mangueira de um quintal que outro popular, abordado pelo NC, andou no Peso. “Olhe, acudia-se a tudo o que tivesse água: poços, piscinas, mangueiras. Com baldes, com alguidares, com giestas, com ramos... O fogo esteve mesmo em cima de nós” assegura.

Durante 11 dias, era quase sempre igual: de madrugada havia avanços, as chamas pareciam dar tréguas pela manhã, mas do meio-dia para a tarde as condições meteorológicas voltavam a ser propícias ao avanço do fogo, que galgava hectares a grande velocidade, saltava caminhos, estradas, levando mesmo, na zona da Soalheira, ao fecho da A23, Nacional 18 e suspensão de comboios na Linha da Beira Baixa. No terreno, os autarcas reclamavam por maiores meios, que pareciam nunca chegar para tanta solicitação. “Não há palavras para caracterizar isto” dizia Vítor Pereira, presidente da Câmara da Covilhã, que à RTP denunciava “um problema” nacional e coletivo que carece de mudança para conseguir fazer face às frentes de combate para proteger a população. “É preciso mudar, e mudar, mudar muito”, defendia. “Algo não está bem, algo está em colapso” acrescentava. Queixas que também chegavam do autarca fundanense Paulo Fernandes, num concelho onde já se sabe, segundo dados do ICNF, arderam, pelo menos, 10 mil hectares. As equipas da autarquia estão no terreno a fazer o “levantamento dos prejuízos” causados pelo incêndio, um trabalho que se previa concluir até final do mês de agosto. Além disso, as autarquias distribuíam alimentação para o gado dos agricultores que ficaram sem pastagens.

Também na Covilhã a Câmara criou uma equipa para prestar apoio ao nível da identificação de prejuízos e acesso aos apoios definidos para as populações afetadas pelos incêndios. “O trabalho será realizado em estreita



Em locais como o Paul e a Erada, é este o cenário que fica de mais de uma semana de sobressalto

articulação com as juntas de freguesia, assim que os procedimentos forem regulamentados pelo Governo” explica a autarquia, em comunicado. Também associações empresariais, de desenvolvimento ou ambientais, deitam agora contas ao que o fogo dizimou.

Durante vários dias, na Cova da Beira, pairou uma nuvem de fumo, e “choveu” cinza, uma vez que também do outro lado, na zona do Sabugal e Penamacor, os incêndios andaram ativos durante vários dias. Segundo o ICNF, depois da Covilhã, Sabugal (18.726) e Trancoso (17.239 hectares) são os concelhos mais afetados pelos incêndios em relação à área ardida, seguindo-se Sernancelhe, Mêda, Arganil e Penedono, todos municípios com mais de 10 mil hectares arditos.

Recorde-se que na região há três vítimas mortais a lamentar destes dias de sobressalto vividos pelas populações: no concelho da Guarda, um ex-autarca, Carlos Dâmaso, 43 anos, faleceu quando foi colhido pelo fogo que combatia numa das suas propriedades, em Vila Franca do Dão, onde fora presidente de junta; na Covilhã, Daniel Agrelo, bombeiro de 44 anos, também faleceu quando a viatura em que seguia se despistou, a caminho de um fogo no concelho do Fundão, na zona de Aldeia de São Francisco de Assis. E no Sabugal, um operacional da Afocelca, Daniel Esteves, 45 anos, sofreu queimaduras graves, sendo ainda transportado para os hospitais da Universidade de Coimbra, onde viria a falecer dias depois.



Ninguém imagina o que foi este inferno”

PUBLICIDADE



EDITAL LOTE 5 TROÇO 0664

O Conselho Diretivo do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) torna público, ao abrigo da competência própria prevista no artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 43/2019, de 29 de março, que: Por despacho do Exmo. Senhor Secretário de Estado das Florestas n.º 4940/2025, publicado na 2.ª série, Parte C do Diário da República n.º 80, de 24 de abril de 2025, foi declarada a utilidade pública, para fins de constituição de servidão administrativa, com caráter de urgência, de 150 prédios onde será implementada a rede primária de faixas de gestão de combustível.

Pelo presente Edital e outros que irão ser afixados nos lugares de estilo dos municípios de Idanha-a-Nova e Penamacor, respetivamente na freguesia de Medelim, e, nas freguesias de Aranhas, de Penamacor, na União das freguesias de Aldeia do Bispo, Águas e Aldeia de João Pires, e na União das freguesias de Pedrógão e São Pedro e Bemposta, locais onde se situam os terrenos em causa ou estes têm a sua maior extensão, bem como da publicação deste em dois números seguidos de dois dos jornais da região, ficam os proprietários e demais interessados notificados do mencionado despacho, conforme assim dispõe o artigo 3.º, n.º 4 do Decreto-Lei n.º 15/2021, de 23 de fevereiro, a Lei n.º 5/2023, de 20 de janeiro, e o artigo 11.º, n.º 4 do Código das Expropriações.

Ficam ainda notificados, nos termos do artigo 35.º, n.º 1 do Código das Expropriações, de que a proposta indemnizatória do ICNF engloba todos os prejuízos decorrentes da constituição da servidão administrativa, podendo obter mais esclarecimentos sobre o processo, depois de agendamento prévio de reunião, junto dos serviços da sede do ICNF, sitos na Avenida Dr. Alfredo Magalhães Ramalho, 1, 1495-165 Algés, ou, alternativamente, através da linha SOS Ambiente, números 808 200 520 (custo de chamada local) ou 211 389 320, disponíveis todos os dias das 08h00 às 21h00.

Tendo em vista constituir a servidão administrativa por via amigável, o ICNF aguardará o prazo legal de 15 (quinze) dias a contar da publicação do presente edital para obter resposta dos proprietários e demais interessados à proposta feita, sendo que na falta do processo seguirá a via litigiosa ao abrigo do artigo 35.º, n.º 3 do Código das Expropriações. Ficam, ainda, notificados de que, de acordo com o disposto no artigo 15.º, n.º 2 do Código das Expropriações, foi atribuído caráter urgente à constituição das servidões administrativas, o que autoriza o ICNF a tomar imediatamente posse administrativa dos terrenos a onerar com a servidão que permitirá executar a rede primária.

Lisboa, 11 de setembro de 2025

O Presidente do Conselho Diretivo
Nuno Miguel S. Banza

COVILHÃ

MORTE DE BOMBEIRO

MUNICÍPIO APROVA VOTO DE PESAR

Percurso de “dedicação e entrega” de Daniel Agrelo destacado

JOÃO ALVES

A comunidade deve a Daniel Agrelo “um profundo agradecimento por tudo quanto nos deu ao longo da vida, num percurso de dedicação e entrega que foi tragicamente interrompido, deixando-nos a todos mais pobres e, em particular, aos que tiveram o privilégio de trabalhar e conviver com ele”. É este o teor do voto de pesar aprovado por unanimidade, na última sexta-feira, 1, pelo executivo da Câmara da Covilhã, na sua sessão ordinária, pela morte do bombeiro covilhanense, 44 anos, a 17 de agosto, quando ao deslocar-se para um incêndio florestal viu a viatura em que seguia despistar-se,

provocando-lhe a morte.

O documento, proposto pelo presidente da Câmara, Vítor Pereira, contempla também um voto de louvor aos populares e operacionais que combateram os fogos no concelho, e afirma-se, segundo a autarquia, como uma “homenagem e um reconhecimento.”

No voto de pesar, é lembrado o percurso de dedicação e entrega à causa pública de um bombeiro que sempre foi reconhecido pelos seus pares e pela comunidade. Além disso, o executivo apresentou votos de rápidas melhoras aos restantes bombeiros feridos no acidente rodoviário, lembrando que também é deles o voto de louvor dirigido aos populares e operacionais que combateram os fogos. O documento assinala a ação dos que tiveram na linha da frente, mas também dos



Daniel Agrelo perdeu a vida a 17 de agosto, quando a viatura em que seguia para um incêndio se despistou

que apoiaram as operações e disponibilizaram meios de ajuda e apoio.

Sublinhando o exemplo das populações que, em cada freguesia,

combateram as chamas “de forma heroica e empenhada”, o documento vinca, igualmente, o trabalho dos Bombeiros Voluntários da Covilhã, que estiveram no terreno sem descanso, “não obstante a perda irreparável que sofreram.” Um louvor que também é dirigido aos restantes bombeiros destacados para o concelho, aos sapadores florestais, aos operadores das máquinas de rasto, aos militares da GNR, aos técnicos da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, aos presidentes e restantes eleitos das Juntas de Freguesia das zonas afetadas, aos funcionários da autarquia e da ADC, à entidades públicas, às instituições de solidariedade, à Proteção Civil Municipal e às empresas e empresários que disponibilizaram meios e recursos.

PUBLICIDADE

A PREVENÇÃO COMEÇA EM SI. CUMPRA AS REGRAS DE CIRCULAÇÃO EM ESPAÇO RURAL.

Nas APPS*, nos concelhos com nível de perigo de incêndio rural «muito elevado» ou «máximo», É PROIBIDO:

- Atividades culturais, desportivas ou outros eventos de grande concentração de pessoas em territórios florestais.
- Utilizar equipamentos florestais de recreio.
- Circular ou permanecer em áreas florestais públicas ou comunitárias, incluindo a rede viária abrangida.
- Utilizar aeronaves não tripuladas e o sobrevoo por planadores, dirigíveis, ultraleves, parapentes ou equipamentos similares.

*As Áreas Prioritárias de Prevenção e Segurança (APPS) podem ser consultadas em portugalchama.pt.

Informe-se sobre as exceções. Consulte o perigo de incêndio para o seu município em ipma.pt.

PARA SUA SEGURANÇA, CONSULTE SEMPRE O NÍVEL DE PERIGO DE INCÊNDIO RURAL DIÁRIO.

Facilite sempre o trabalho das autoridades.

Informe-se pelo **808 200 520 / 211 389 320** (custo de chamada local).

Saiba mais em portugalchama.pt.



**PORTUGAL CHAMA
POR SI. POR TODOS.**

Consulte o Decreto-Lei n.º 82/2021, de 13 de outubro, na sua redação atual.

COVILHÃ

UBI

NOVOS ALUNOS
ACOLHIDOS

Instituição promoveu, esta semana, o Dia do Acolhimento, num ano em que entraram, comparativamente ao ano passado, menos 190 alunos na primeira fase. Resultados da segunda fase sabem-se no domingo

JOÃO ALVES

Vem de Viseu e escolheu a UBI por estar "mais perto de casa". É assim para Rita, tal como é para Gabriel, de Belmonte, ou Gustavo, de Vale Formoso, mas que estudou na terra de Pedro Álvares Cabral e viu, da mesma escola, um grupo de amigos (5) também entrarem na instituição covilhanense. A proximidade é um fator que atrai cada vez mais alunos da região à UBI, já que, segundo alguns pais, isso facilita, em termos de despesas, nomeadamente no alojamento.

A UBI conta com novos alunos, que participaram no Dia do Acolhimento, promovido pela instituição, na segunda-feira, de modo a facilitar a integração na academia. Este ano, na primeira fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES), a UBI registou, pelo sétimo ano consecutivo, mais de 1200 estudantes colocados (1214), ocupando 77 por cento das vagas iniciais "num contexto particular, marcado por uma diminuição significativa de candidatos a nível nacional" lembra a instituição, em comunicado. No total nacional, candidataram-se 49.595 estudantes, menos 9.046 do que em 2024, o que resultou numa descida generalizada das colocações nas universidades e institutos politécnicos. Das 32 instituições públicas, 31 registaram uma variação negativa face ao ano anterior, com 43.899 colocados em todo o País, menos 6.064 do que em 2024.

Também na UBI, face ao ano passado, houve menos entradas, uma vez em 2024, na primeira fase do Concurso Nacional, a UBI ultrapassara, pelo segundo ano consecutivo, a fasquia dos 1400 alunos, com

1404 colocados. Ou seja, este ano, são menos 190 os "caloiros" a chegarem à Covilhã. Apesar deste cenário, a UBI conseguiu preencher todas as vagas em 13 cursos, nomeadamente Arquitetura, Ciência Política e Relações Internacionais, Ciências da Comunicação, Cinema, Computação Criativa e Realidade Virtual, Design de Moda, Design Multimédia, Engenharia Aero-náutica, Gestão, Marketing, Medicina, Psicologia e Sociologia. Entre as formações com notas de candidatura mais elevadas, sobressaem o Mestrado Integrado em Medicina, que exigiu uma nota mínima de 177,2 valores, Psicologia (158,8) e Ciência Política e Relações Internacionais (156,8).

Para a segunda fase do CNAES (cujos resultados se sabem no domingo) a UBI tinha disponíveis 367 vagas. Em termos nacionais, também nesta fase menos gente concorreu.

A diminuição de alunos também se fez sentir noutras instituições da região. No Politécnico de Castelo Branco (IPCB) foram colocados, na primeira fase, 490 alunos, destacando-se as notas de candidatura de Fisioterapia (148,8) e Design de Interiores e Equipamento (139,5). Foram esgotadas as vagas em Enfermagem, Fisioterapia, Imagem Médica e Radioterapia, Fisiologia Clínica, Ciências Biomédicas Laboratoriais e Educação Básica. Para a segunda fase o IPCB tinha 530 lugares.

No Politécnico da Guarda (IPG), a instituição colocava apenas 278 novos alunos na primeira fase do concurso nacional, o que representava uma quebra de 28% na sua taxa de ocupação, a qual baixou de 61% em 2024 para 33% este ano. Enfermagem e Educação Básica foram os únicos cursos a esgotar as vagas. Engenharia Informática teve a média mais alta: 135,0. Para a segunda fase o IPG tinha 578 vagas. Em comunicado, o presidente do IPG, Joaquim Brigas, enaltecia os "bons resultados em alguns cursos", que demonstravam "a confiança que muitas famílias continuam a depositar no IPG. Mas é inegável que o aumento sucessivo de vagas nas grandes instituições do Litoral criou uma concorrência profundamente desigual".



Para já, são 1214 os novos alunos da UBI

UBI

PUBLICIDADE

bruno carvalho
notário
Cartório Notarial de Cantanhede

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico narrativamente, para fins de publicação, que no Cartório Notarial de Cantanhede, sito no Largo Cândido dos Reis, número 15, salas 4 e 5, em Cantanhede, exarada a folhas sessenta e oito, do livro de notas para escrituras diversas número cinquenta e três, com data de onze de agosto de dois mil e vinte e cinco, se encontra uma escritura de justificação, na qual **CELESTINA MARIA GASPAS DA PAULA GUÍMARO**, NIF 163 293 627, casada sob o regime da comunhão de adquiridos com **José Paulo Dinis de Oliveira**, (NIF 133 845 249), natural da freguesia da Tocha, concelho de Cantanhede, residente na Praceta António Sérgio, número 8, primeiro andar, união das freguesias de Cantanhede e Pocariça, cidade e concelho de Cantanhede, declarou que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do **PRÉDIO URBANO**, composto de casa de habitação com dois pavimentos e logradouro, sito na Quinta da Parede do Guerra, no lugar e freguesia de Tortosendo, concelho da Covilhã, com a superfície coberta de cento e vinte e quatro metros quadrados e cinquenta decímetros quadrados e a superfície descoberta de mil e trinta e cinco metros quadrados e cinquenta decímetros quadrados, a confrontar de norte e de sul com caminho público, de nascente com herdeiros de Américo de Ascensão e de poente com herdeiros de Israel Gonçalves, inscrito na respetiva matriz predial sob o artigo 1651, com o valor patrimonial tributário de **15.260,00 euros**, não descrito na Conservatória do Registo Predial da Covilhã.

Que está na posse do identificado prédio, em nome próprio, há mais de vinte anos, o qual adquiriu ainda no estado de solteira, maior, (tendo posteriormente casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Reinaldo de Jesus Côca, de quem se divorciou, tendo seguidamente casado com o seu atual marido, no aludido regime de bens), por doação meramente verbal, logo não reduzida a escritura pública, feita por seus avós maternos, Israel Gaspar e Maria do Carmo Gomes, ambos já falecidos, residentes que foram na vila e freguesia dita de Tortosendo, a qual ocorreu entre os interessados no ano de mil novecentos e oitenta, ostentando desde a referida data uma **posse exclusiva, em nome próprio, pacífica, contínua e pública**, tendo, em consequência, adquirido o direito de propriedade sobre o referido prédio, por **USUCAPIAO**, que invocou.

Está conforme o original.
Cantanhede e Cartório Notarial de Bruno Alexandre Gonçalves Carvalho, 11 de agosto de 2025.

O Notário,

NECROLOGIA

Eng.º VICTOR
MANUEL MENDES
RECHENA

† Faleceu no passado dia 2 de agosto, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, o Senhor Eng. Victor Manuel Mendes Rechena, casado com a Senhora D. Otilia Roxo Moreira Riscado Mendes Rechena, residentes na Covilhã.

Agradecimento Sua esposa, filhos, netos e demais família, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio testemunhar o seu profundo agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu ente querido à sua última morada ou que, de uma outra forma, manifestaram a sua amizade e o seu pesar."



noticiasdacovilha.pt

PUBLICIDADE

A Caixa está ao lado das famílias e empresas afetadas pelos incêndios.

Conheça o conjunto de medidas imediatas de apoio, destinado a ajudar famílias, empresas e pequenos negócios a responder a necessidades urgentes e a retomar a sua atividade.

Saiba mais na sua Agência ou em cgd.pt.

Caixa. Para todos e para cada um.

* Caixa Geral de Depósitos, S.A., registada junto do Banco de Portugal sob o n.º 35.



OPINIÃO

INCÊNDIOS FLORESTAIS: ENTRE CINZAS E PROMESSAS E A RETÓRICA DA RESILIÊNCIA

JOANA VIVEIRO
MOVIMENTO
ESTRELA VIVA



A tragédia dos incêndios de 2017 marcou uma viragem na gestão do território rural. A partir daí iniciava-se uma reforma na política de prevenção de incêndios florestais que incluía várias medidas, tais como o programa 'Aldeia Segura, Pessoas Seguras', a obrigação da limpeza de terrenos privados, o cadastro florestal, a criação de faixas de proteção e a criação de modelos de gestão coletiva do território. Várias destas medidas começaram a avançar, tendo havido uma mudança de orientação na gestão política e técnica dos fogos. Mas a memória da tragédia foi-se esvanecendo e o plano derrapou. O essencial ficou por cumprir.

A Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF), que coordenava a reforma, lançava um alerta: "sem um novo ímpeto, o país arrisca-se a assistir de novo à destruição de infraestruturas ou a danos nas comunidades urbanas". Ao cenário de dificuldade na implementação das medidas, juntavam-se outros fatores: as vastas áreas de monocultura intensiva de eucalipto e pinheiro, o crescimento de espécies invasoras, as condições climáticas extremas e o problema do despovoamento. E foi então que, em agosto de 2022, 25% da área total do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) ficou destruída. A Serra voltava a arder como se nada tivesse sido aprendido. Como se o sofrimento de 2017 tivesse sido em vão. Como se os relatórios, os diagnósticos, os planos e as promessas não passassem de palavras ocas.

Na sequência destes incêndios, o Governo aprova, em 2024, o "famoso" Programa de Revitalização do Parque Natural da Serra da Estrela (PRPNSE), com uma dotação de 155 milhões de euros. Um plano para promover o desenvolvimento sustentável da região, a recuperação e revitalização do património natural e biodiversidade, a inovação e o investimento para a revitalização económica, combatendo a perda demográfica e tornando o território mais resiliente às alterações climáticas. Mas, uma vez mais, nada passou do papel... e em agosto de 2025, tudo volta a acontecer.

O incêndio, que começou no Piódão, em Arganil, e durou 11 dias até ser resolvido, deixou uma ferida aberta na região, atingindo sete concelhos e várias aldeias e áreas protegidas: Açor, Estrela e Gardunha. Foi a maior área ardida de sempre em Portugal, desde que há registo, contabilizando-se cerca de 64 mil hectares, triplicando a média anual nacional. As chamas galgaram montes, vales e rios, e destruíram tudo em redor das aldeias. Vários autarcas denunciaram, publicamente, a falta de bombeiros no terreno, a descoordenação das equipas e a ausência de meios aéreos no combate aos incêndios. As tradicionais festas de verão, um dos momentos altos do ano para estas comunidades, deram lugar ao



desalento e ao medo. Foram destruídas casas, animais, explorações agrícolas e agropecuárias, mas também ecossistemas e geossítios, em particular do Geopark Estrela. Pastores, empresários do turismo, autarcas, ONGs e habitantes, falam num prejuízo social, económico e ambiental ainda difícil de estimar. A região do Rio Alvoco, que atravessa várias freguesias dos concelhos de Seia (Alvoco da Serra, Vide) e Oliveira do Hospital (Alvoco das Várzeas e São Sebastião da Feira), foi uma das mais afetadas pelo incêndio. Esta área, conhecida como "o interior do Interior", tem enfrentado desafios extremos: abandono, envelhecimento, ausência de oportunidades, presença de uma monocultura de pinheiro e eucalipto, e, claro, incêndios recorrentes. Apesar disso, é uma região com uma forte identidade comunitária e espírito de união.

O Movimento Estrela Viva (MEV) tem realizado nesta zona, ao longo dos anos, várias iniciativas com o apoio da comunidade: ações de reflorestação, de sustentação de solos e de controlo de espécies invasoras. Foi também aqui que nasceu o projeto "Pontes para o Rio Alvoco", que promove o diálogo e a cooperação entre as comunidades e o território. Infelizmente, e mais uma vez, tudo o fogo levou. E por isso hoje, e tal como em 2017, voltamos a erguer a voz, agora mais alto!

Estamos cansados...de assistir à destruição de um território que conhecemos profundamente e que tentámos recuperar, ao longo dos últimos anos, com o esforço de toda uma comunidade unida em torno de uma causa. D sermos só lembrados nas tragédias e abandonados durante todo o ano. De décadas de desinvestimento, de

políticas erráticas, de promessas por cumprir e de continuarmos a pertencer a um território periférico e descartável. De sermos apelidados de "comunidades resilientes", quando, na verdade, somos é "sobreviventes", porque resistir ao abandono, à negligência e à tragédia não é uma opção, mas sim uma imposição pela ausência de políticas públicas eficazes. De "dar" e de pouco ou nada receber, já que o interior é o sustento do litoral com diversos recursos naturais, incluindo minerais, energéticos (água, vento), produtos agrícolas e florestais, que são essenciais para a economia e o desenvolvimento do país.

Por isso mesmo, não podemos continuar a viver entre cinzas e promessas vãs a cada ciclo político, a viver de medidas avulso lançadas todos os verões sob pressão mediática! Exigimos que se olhe para este território com a dignidade que ele merece, que se ouça quem cá vive. Que se respeite quem decidiu aqui viver em segurança. É tempo de exigirmos um verdadeiro e efetivo pacto de regime para a floresta e para o nosso Interior. Um compromisso a longo prazo, que não seja refém de ciclos partidários, que uma governo, partidos, autarcas, academia, especialistas e comunidade, assente numa gestão sustentável e participada do território, numa revitalização económica e social centrada em novas formas de aproveitamento da floresta e numa adaptação às alterações climáticas, com medidas robustas e integradas que preparem o território para os fenómenos extremos cada vez mais frequentes. A nossa Serra da Estrela é natureza, é casa, é memória, é sustento, é vida, é futuro. E o nosso futuro não pode continuar a arder!

REGIÃO

BEIRA INTERIOR

MÁS CONDIÇÕES, SALÁRIOS E HORÁRIOS AFASTAM TRABALHADORES DA RESTAURAÇÃO E HOTELARIA

Na região, há cada vez menos gente que queira trabalhar no setor, face às condições que oferece. Sindicatos reconhecem que mão-de-obra estrangeira é cada vez mais, mas também estes, depois de verem os seus direitos lesados, começam a exigir aos patrões

JOÃO ALVES

O presidente da direção do Sindicato de Hotelaria e Restauração do Centro (SHRC), Afonso Figueiredo, desmente a ideia de que não haja gente para trabalhar no setor, mas admite que, com as condições que hoje este oferece, são muitos os que preferem enveredar por outros caminhos.

Segundo o responsável, hoje, há muita mão-de-obra estrangeira a trabalhar em restauração e hotelaria, pessoas que chegam de outros países “fragilizadas” e que, por isso, numa fase inicial, acatam “as imposições que lhes são colocadas”. Porém, com o passar do tempo, vão percebendo que o modo de vida que têm “é insustentável”, com ritmos de trabalho inaceitáveis e, por isso, recorrem ao sindicato. “Já começam a exigir os seus direitos, o que comprova o que temos vindo a dizer ao longo do tempo: não há falta de trabalhadores, há é falta de pessoas para trabalhar nas condições que o setor oferece”, salienta o responsável, que esteve na Covilhã, numa ação de contacto não só com os trabalhadores de restaurantes, pastelarias ou hotéis, mas também com os clientes e turistas que nesta altura visitam a cidade.

“Vimos, por um lado, alertar os trabalhadores para os direitos que têm, no âmbito da contratação coletiva, que constatamos que nalguns sítios não são respeitados na íntegra pelos patrões. Mas, por outro, sensibilizar a população para os problemas que os trabalhadores do sector



“

Há atropelos à lei com os trabalhadores portugueses, e com estrangeiros, a situação é ainda mais aflitiva”

vivem, com baixos salários e desvalorização da sua vida pessoal e familiar” explica o responsável. Afonso Figueiredo recorda que os dados públicos de 2025 demonstram que o setor vive “a melhor situação de sempre”, mas apenas na procura e ocupação, e nos proveitos e lucros que as empresas geram. “Batem-se recordes, mas são antagónicos com a situação que os trabalhadores vivem” denuncia.

O presidente do Sindicato garante que as propostas colocadas pelos patrões e associações patronais do setor, “da nossa parte, não terão aceitação”, pois contemplam, por exemplo, a criação de bancos de horas, horários concentrados e redução de pagamento de alguns complementos

extraordinários relativos ao trabalho em dias de feriado e fim-de-semana. “E isso tem impossibilitado a concretização de acordos” garante.

Segundo Afonso Figueiredo, os baixos salários, e o não cumprimento de direitos, afetam a generalidade dos trabalhadores da hotelaria, restaurantes e hotéis na Beira Interior. “Tendo em conta o número de unidades que existem na região, percebemos que afeta muitos milhares de trabalhadores. Para dar um exemplo, num hotel de cinco estrelas, em 2026, se não houver negociação dos salários por parte das entidades patronais, um trabalhador com 30 anos no sector passará a auferir o salário mínimo nacional. O que quer dizer

Sindicato critica que hotéis vivam “a melhor situação de sempre” na procura, mas paguem mal a quem trabalha

que os outros abaixo de cinco estrelas, estarão numa situação ainda mais difícil, mais precária” denuncia.

O responsável critica as associações patronais por não valorizarem quem trabalha neste ramo. “Dizem que não há pessoas para trabalhar no sector, mas a realidade é que não há para trabalhar nestas condições. Percebemos que esta propaganda visa facilitar a vinda de mão-de-obra estrangeira, que é bem-vinda, mas não aceitamos que esse desejo seja na perspectiva de os poderem utilizar desrespeitando os direitos. Há atropelos à lei com os trabalhadores portugueses, e com estrangeiros, a situação é ainda mais aflitiva” assegura.

AUTÁRQUICAS

O NC inicia entrevistas aos candidatos e partidos às autárquicas na Covilhã e região, com assento em órgãos municipais. Que em tempo útil se disponibilizaram a responder às questões colocadas

FUNDÃO

“É PRECISA UMA MUDANÇA E NOVA CAPACIDADE DE DIÁLOGO”

Rui Pelejão, 51 anos, ex-jornalista, é o candidato do PS à Câmara do Fundão. E diz que com a saída de Paulo Fernandes acaba um ciclo do PSD no poder local

JOÃO ALVES

Porque se candidata à Câmara?
Porque acredito que a política precisa de convocar pessoas comprometidas com o futuro da sua região e das suas terras. Nunca tive militância política, mas acredito que nas eleições autárquicas o que conta é a disponibilidade e a vontade de fazer. Eu tenho experiência profissional como jornalista, o que me ensinou a ouvir; como gestor, o que me ensinou a tomar decisões (mesmo as mais difíceis) e experiência associativa, o que me ensinou a trabalhar com e para a comunidade. Não me candidato contra ninguém, candidato-me porque acho que os fundanenses merecem uma alternativa. O Fundão precisa de uma mudança e de uma nova capacidade de diálogo, de proximidade e de ação para enfrentarmos os problemas e os desafios que temos pela frente. É por isso que me candidato, para com humildade fazer da minha terra e da nossa casa comum um lugar melhor para todos viverem. Essa é a minha única ambição política.

Depois do PS ter liderado alguns anos a autarquia, o trabalho de Manuel Frexes e Paulo Fernandes dificulta uma possível nova liderança socialista?

Penso que a vida é feita de ciclos e na política não é diferente. No caso do Fundão o longo ciclo de poder do PSD termina com a saída de Paulo Fernandes. A divisão e o ambiente de guerra civil que se vive na Câmara Municipal, com os seus vereadores, equipas em aberta hostilidade é um sinal claro de que não há um projeto para o futuro, para um novo ciclo, mas apenas prolongar o que já foi feito ou executar medidas preconizadas pelo atual Presidente. Nenhuma das candidaturas do PSD – a oficial e a dos dissidentes da Comunidade com Força, que se auto intitula de “independente” - acrescenta nada, apenas um movimento de interesses instalados



Meta é tornar o Fundão no concelho com melhores índices de qualidade de vida do Interior”

“Nenhuma das candidaturas do PSD, a oficial e a dos dissidentes, acrescenta nada” garante Rui Pelejão

há longos anos no poder e na rede clientelar que ele alimenta. Penso por isso que a mudança e o início de um novo ciclo mais próximo das pessoas e dos seus problemas só é possível com a minha candidatura como independente nas listas do PS. A escolha é simples: mudança positiva e progresso com o PS ou estagnação, retrocesso ou repetição com qualquer uma das outras candidaturas, a do PSD Lado A, de Miguel Gavinhos, ou a do PSD Lado B, de Alcina Cerdeira.

Quais os principais problemas que pensa ainda existirem no seu município?

Há problemas estruturais que exigem uma visão e uma estratégia a longo prazo. E há problemas de ação concreta que exigem medidas de resposta rápida. Relativamente aos estruturais, temos o desafio demográfico e a necessidade de fixar e atrair pessoas e empresas, diversificando a nossa base económica

e melhorando o contexto para as nossas empresas serem mais competitivas. Temos também o estado calamitoso da rede viária e das acessibilidades às freguesias que exigem investimento faseado e planeado em função da colossal dívida do município. Temos o acesso à saúde e a mobilidade e transportes em condições de igualdade para todos os habitantes do concelho e também a rede escolar, carente sobretudo no pré-escolar. Finalmente a habitação, como um problema prioritário a exigir respostas rápidas e diferentes das políticas seguidas até aqui. Depois há medidas urgentes a tomar no domínio da higiene urbana, dos espaços públicos, do ordenamento da floresta, do apoio às freguesias, da reorganização dos serviços municipais e recursos humanos. Curiosamente todas estas áreas são tuteladas pelos candidatos do PSD e da Comunidade com Força que agora, aparentemente vindos de algum OVNI na Gardunha, prometem

soluções mágicas para os problemas que não conseguiram resolver nos últimos 12 anos. O essencial a reter é que há políticas públicas que devem ser continuadas, outras reavaliadas ou corrigidas, mas há sobretudo que encontrar novas respostas e uma nova visão para o concelho.

Que ideias defende para desenvolver o concelho?

Temos de estabelecer uma meta que é tornar o Fundão o concelho com melhores índices de qualidade de vida do Interior. A qualidade de vida hoje um fator de atração e de fixação, quer de pessoas, quer de empresas e de investimento. O desafio demográfico só se vence com oferta de qualidade de vida. Além das necessidades básicas e estruturais que precisamos de suprir, temos de construir uma comunidade feliz, inclusiva, solidária e participativa. Temos um programa com medidas focadas nos vários ciclos de vida – desde o nascimento e a infância, passando pela juventude, a idade ativa e a idade sénior. Em cada uma destas fases da vida há necessidades específicas que exigem respostas específicas e políticas públicas inovadoras. Vamos ter em especial atenção as políticas para a infância e para a idade sénior, porque acreditamos que é neste laço intergeracional que está o futuro do Fundão. Cuidar das crianças e jovens, cuidar das empresas e dos empreendedores, cuidar dos trabalhadores, cuidar dos mais velhos e oferecer espaços públicos atraentes, serviços de qualidade na educação, na saúde, nos transportes. Ter cultura e entretenimento na cidade e nas freguesias, dar valor aos nossos produtos e à nossa identidade, combater a exclusão e investir no bem-estar de todos. Só assim seremos competitivos e só assim seremos uma terra de oportunidades para todos.

Se perder, assume o lugar de vereador?

Estou disponível para trabalhar para o futuro do Fundão nas funções que o voto popular indicar, ao contrário de Miguel Gavinhos e de Alcina Cerdeira, que já afirmaram em entrevista que apenas estão disponíveis para ser presidentes da Câmara. Penso que isso explica tudo.

AUTÁRQUICAS

FREGUESIAS

IR A VOTOS SEM ADVERSÁRIO

Há cinco freguesias, no concelho da Covilhã, que só têm um candidato nas próximas eleições. É o caso de Cortes do Meio, Casegas, Coutada, Orjais e Peso. Mesmo tendo a certeza da vitória, candidatos preferiam ter oposição

JOÃO ALVES

“Preferia que houvesse mais participação, porque a democracia vive do debate de ideias e da escolha entre alternativas”. É assim que, em declarações ao NC, o candidato independente à freguesia de Orjais, e atual presidente da mesma, Sérgio Rodrigues, que se recandidata ao cargo, encara o facto de, nas próximas eleições autárquicas, de 12 de outubro, ser candidato única naquela localidade do concelho da Covilhã.

“Encaro essa situação com sentido de responsabilidade acrescida, pois significa que a população reconhece o trabalho que tem sido feito ao longo do mandato. Naturalmente que preferia haver mais participação. Ainda assim, entendo que o facto de não existirem adversários não retira a necessidade de continuar a apresentar propostas e a explicar aos cidadãos o que queremos para a freguesia” afirma Sérgio Rodrigues. Que, por isso, diz fazer todo o sentido continuar a fazer campanha, mesmo sabendo que vai ganhar. “Faz sentido, não apenas para pedir o voto, mas sobretudo para prestar contas do que foi feito e partilhar os projetos que gostaríamos de concretizar no futuro” acrescenta.

Esta é uma situação que no concelho da Covilhã acontece em mais quatro localidades: Cortes do Meio, Coutada, Peso e na desagregada freguesia de

Casegas, que neste ato se “separa” do Ourondo, uma reivindicação que nasceu logo no dia em que as duas localidades se juntaram em União de Freguesias. Aqui, é também o independente Gil Carvalho o único que se apresenta a votos, uma situação que, diz, “infelizmente aumenta” nas pequenas aldeias a cada eleição. “No caso concreto de Casegas, diria que o carácter abrangente desta candidatura independente, que conseguiu juntar um grupo de pessoas, das mais diversas áreas políticas, interessadas em conduzir o destino da nova freguesia, com experiência comprovada, poderá ter sido um fator dissuasor ao surgimento de outras listas” afirma.

Carvalho garante que, em termos de campanha, continuará a apresentar o projeto que lidera, “da mesma forma que o apresentaríamos se houvesse mais listas concorrentes. Pretendemos dar a conhecer as nossas ideias para o desenvolvimento da aldeia e auscultar os anseios da população, das instituições e dos agentes locais, para que possamos integrar algumas propostas.” O candidato único salienta que um dos desafios assumido é envolver “mais as pessoas nas decisões, fazê-las participar nas assembleias de freguesia e nas reuniões abertas da junta. Todos os habitantes de Casegas têm de ser ouvidos. Só assim conseguimos alcançar uma verdadeira democracia participativa e uma governação de proximidade. É muito importante que esse trabalho de diálogo se inicie durante a própria campanha.”

Gil Carvalho aponta, como prioridades para Casegas, a melhoria das acessibilidades e transportes, o reforço dos apoios sociais e a saúde, a valorização dos espaços públicos, a criação de oportunidades para os jovens, o apoio aos idosos e o reforço da colaboração com as coletividades. Além disso, face aos dias de incêndio vividos no concelho, a que Casegas não escapou,



DR



DR

Sérgio Rodrigues (Orjais), Gil Carvalho (Casegas), Bruno Redondo (Peso), Jaime Rodrigues (Coutada - foi solicitada foto que não foi enviada) e Jorge Viegas (Cortes do Meio) são candidatos únicos nas suas freguesias

“renascer das cinzas” é um novo desafio. “Depois deste incêndio, que devastou toda a área da freguesia, urge trabalhar no sentido de apurar eventuais prejuízos das nossas gentes, mitigar os efeitos das primeiras chuvas e posteriormente iniciar a reflorestação, previamente pensada e mais adequada ao território.”

“Espero que o espetro alargado da equipa possa ajudar a que o próximo executivo esteja mais aberto e sensível a

Casegas, em vez do que habitualmente se verifica, em que algumas freguesias só são apoiadas se foram da mesma cor que o município” critica.

Em Cortes do Meio, o atual autarca, Jorge Viegas (Movimento Pelas Pessoas) concorre, sozinho, à reeleição, na Coutada, Jaime Rodrigues (independente) também não tem adversário, e no Peso, Bruno Redondo (PSD) também sabe que ganha.

OS CANDIDATOS ÀS FREGUESIAS DA COVILHÃ

ALDEIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Pedro Matias (PS) e José Luís Campos (Pelas Pessoas)

BOIDOBRA

Marco Gabriel (CDU), António Silva (PS), António Machado (PSD), Inês Lourenço (Pelas Pessoas) e João Bernardo (CDS/IL)

BARCO

Jorge Marques (IND) e Vítor Fernandes (IND)

COVILHÃ/CANHOSO

Francisco Mota (PS), João Morgado (PSD), Abel Cardoso (Pelas Pessoas), Miguel Fiadeiro (CDU), Paulo Santos (CDS/IL) e Armindo Rosa (Chega)

CANTAR GALO

Jorge Santarém (PS), Mário Lucas (Pelas Pessoas), Ângelo Correia (CDU) e António Soares (PSD)

DOMINGUISO

Jorge Saraiva (PS), José Armando Augusto (PSD) e Filipe Santos (CDU)

ERADA

Sara Fonseca (PS) e Flávio Antunes (Pelas Pessoas)

FERRO

Gilberto Melfe (PS), Carlos Miguel (CDU), Nuno Venâncio (Chega) e Gil Rodrigues (PSD)

OURONDO

Carlos Costa (PS) e José Rito Agostinho (Pelas Pessoas)

PAUL

Pedro Mingote (PS), Alexandre Silva (Pelas Pessoas), Cidália Barata (CDS/IL), Duarte Rodrigues (PSD) e Vítor Reis Silva (CDU)

PERABOIA

Cristina Barata (Pelas Pessoas), Pedro Silveira (PS) e Teresa Simão (CDS/IL)

SOBRAL DE SÃO MIGUEL

Sofia Sobreiro (PS) e Acúrcio Domingos (Pelas Pessoas)

SÃO JORGE DA BEIRA

Delfina Brás (Pelas Pessoas), Paulo Quintela (PS) e Maria Loureiro (CDU)

TORTOSENDO

Pedro Farinha (PS), Romeu Afonso (Pelas Pessoas), Casimiro Santos (CDU), Miguel Castelo Branco (CDS/IL), Tiago Martins (Chega) e Ricardo Abreu (IND)

TEIXOSO/SARZEDO

António Carriço (PS), Célia Carrola (Pelas Pessoas), Paulo Silvino (CDS/IL) e José Teixeira (CDU)

UNHAIS DA SERRA

Marco Valente (Pelas Pessoas), António Lopes (CDU), António Quintela (PSD) e José Guerreiro (PS)

VALES DO RIO

Licínio Machado (PS), João Bernardino (PSD) e Pedro Manquinho (CDU)

VILA DO CARVALHO

Sónia Moura (PS), João Paulo Milhano (Pelas Pessoas), Carlos Calvo (CDU) e Rui Reis (PSD)

VALE FORMOSO/ALDEIA DE SOUTO

Daniel Tavares (PS), João Luís Gomes (Pelas Pessoas) e Carlos Fernandes (CDU)

VERDELHOS

Daniela Correia (PS) e António Gabriel (Pelas Pessoas)



O facto de não existirem adversários não retira a necessidade de continuar a apresentar propostas”

GRANDE TEMA / AUTÁRQUICAS

JORGE FAEL

“O CONCELHO TEM UMA SÉRIE DE BLOQUEIOS QUE NÃO FORAM RESOLVIDOS”



Jorge Fael, 55 anos, sociólogo, concorre pela segunda vez seguida à Câmara da Covilhã pela CDU. Acredita que o partido faz falta nos órgãos municipais e, apesar de não ver tudo negativo no passado recente da autarquia, acredita que a Covilhã necessita de mais planeamento e estratégia
JOÃO ALVES

Porque decidiu, de novo, ser candidato à Câmara da Covilhã?

Primeiro, porque os órgãos do partido decidiram, uma vez mais, colocar-me esta tarefa. Depois de refletir, vi que ainda tenho condições para enfrentar este desafio. Tenho força, vontade e capacidade. É o que penso e pensa o coletivo da CDU. Sou repetente, espero “passar de ano”.

Há quatro anos, a CDU reforçou a votação e ficou a cerca de 100 votos de chegar à vereação. É esse o objetivo?

A meta é alcançar o melhor resultado possível. Na Câmara, na Assembleia, nas freguesias. Claramente, em relação à Câmara, o objetivo é que a voz da CDU volte a ser ouvida. Porque se assim for, é sinal que muitas vezes no concelho passam a ter uma voz no executivo.

Este ano, há mais candidaturas. Isso é bom ou mau para a sua candidatura?

Não sei o que dizem as sondagens. Aliás, em algumas, o meu nome nem sequer tem aparecido. Já pelo menos três pessoas me ligaram a dizer que o candidato da CDU não era referido. Mas é um problema que, a mim, sinceramente, não me preocupa. A fragmentação tanto pode ajudar como prejudicar. Porque à última da hora, haverá apelos ao voto útil, virá a tese da ingovernabilidade, mas nós faremos o nosso caminho, o nosso trabalho, procurando dar a nossa visão sobre o estado do concelho, e sobre o que queremos. As contas fazem-se no fim.

E qual é a Covilhã que vocês idealizam?

Ao fim de 12 anos, e tendo o PS algum capital de queixa nos primeiros quatro em relação à herança pesada que teve, houve depois oito anos em que não conseguiu concretizar projetos. O concelho tem hoje uma série de bloqueios que não foram resolvidos, nem há perspectiva de serem, se este tipo de governação continuar.

Como por exemplo...

O planeamento e ordenamento do território. Lembro de Vítor Pereira prometer um novo PDM (Plano Diretor Municipal) para 2022 e chegamos a 2025 e não temos. Estamos a trabalhar com o da primeira geração. A cidade, desse ponto de vista, tem bloqueios muito sérios.

Jorge Fael garante que um bom resultado “para a população” é que a CDU veja a sua votação reforçada a 12 de outubro

E continua a crescer mal. A ausência de planeamento é terrível. Veja-se o que aconteceu com o TCT. É um eixo sem possibilidade de alargamento. Loteamentos sem coerência, que aparecem. Planos de pormenor e de urbanização, não houve um único nestes anos todos. E vamos a determinadas freguesias, como o Tortosendo, com um centro histórico bastante degradado, onde parece que caiu uma bomba, com todo o respeito. Precisamos de planeamento, que é o que permite um melhor urbanismo, mais participado.

E que mais?

A mobilidade. Não há maior prova de falhanço do que o próprio PS ter votado favoravelmente na assembleia municipal uma moção da CDU que é uma crítica contundente à política de transportes desta Câmara. A concessão urbana continua a ter graves problemas, ao nível dos horários, abrigos, frota. Os

elevadores estão avariados, parados, com a desculpa de falta de peças. Temos elevadores parados há meses, e se não há peças, é preciso encontrar outro tipo de solução.

O sistema de mobilidade é um falhanço?

É. E é extremamente desigual e injusto. Porque quem vem de São Jorge da Beira paga 150 euros por um passe mensal. Defendemos um passe mensal concelhio de 30 euros. O material circulante é velho, sem ar condicionado, com bancos velhos. Não há muitas palavras para descrever. E nas freguesias rurais, as pessoas passam um calvário para chegar à sede de concelho. Fora dos períodos letivos, as pessoas ficam praticamente confinadas. É preciso resolver rapidamente esta matéria.

Quanto às acessibilidades, são boas?

Estão uma lástima. Durante anos deixámos de investir na manutenção das estradas, caminhos. Não sei se esta Câmara conseguiu asfaltar algum caminho rural nestes anos. Alguns continuam como há décadas. Mas há mais. O centro da cidade continua caótico. Fala-se de uma variante que é necessária. Houve projetos, traçados, mas nunca avançou. Quando cai neve, a afluência à Serra é a conhecida, mas eu até brinco e digo que o caos é de tal ordem que quando as pessoas cá chegam, o tempo que demoram do centro da cidade até à Serra, já a

“

Em relação à Câmara, o objetivo é que a voz da CDU volte a ser ouvida”

GRANDE TEMA / AUTÁRQUICAS

neve derreteu. Além dos GPS encaminharem para ruas do Centro Histórico. É o fim do mundo para quem se lá mete... Nem uma sinalética em condições conseguimos ter. Finalmente, temos um consenso na assembleia sobre o IC6, mas o governo diz que não é prioritário. Quando assim é, é preciso haver uma voz grossa...

Não tem existido?

Não. Pelo menos, nunca a ouvi, perante a exigência de investimentos públicos imprescindíveis para a cidade e concelho.

A Covilhã tem sido esquecida pelo poder central?

Tem sido esquecida, como o Interior, em traços gerais. As cidades médias continuam a perder população. A Covilhã irá continuar a perder, e o que vai compensando é o saldo migratório.

O que se pode fazer para inverter?

As pessoas fixam-se se tiverem trabalho e salários dignos, se tiverem respostas sociais e serviços públicos de qualidade. Falo de creches, onde nós hoje temos um problema muito sério no acesso a elas. Centenas de famílias à procura de uma vaga que não existe. Porque não houve planeamento. Como é possível aceitar que o Bolinha de Neve tenha estado fechado tantos anos e a Câmara não tenha feito nada? Esta é uma competência do Estado. Mas chega a um ponto em que o poder local tem que fazer voz grossa e, tendo aceite a transferência de competências, podia assumir a criação de uma creche pública

municipal. Já houve municípios que o fizeram no País, dando resposta aos pais e crianças. Ao nível do pré-escolar, também. Há imensas famílias à procura de vagas.

Isso pode afastar pessoas do concelho?

A mim parece-me evidente. Que saiam, ou não venham.

Que mais faz falta?

Faltam equipamentos que deviam estar projetados. Como o pavilhão multiusos, um parque urbano. E temos a Feira de São Tiago a rebenotar, todos os anos, com o Complexo Desportivo. Que está num estado lastimável. Que não está vocacionado para este tipo de eventos. Mas há mais exemplos: a piscina municipal dos Penedos Altos. Foi um erro o que lhe puseram em cima. Autêntica sucata. Agora investimos cerca de mais 800 mil euros para resolver problemas de estabilização do muro, perdas de água, mas é um erro. Nestes últimos anos já lá vai mais de um milhão de euros, e continuamos sem piscina coberta que responda às exigências e aponte para o futuro. Há um défice ao nível dos equipamentos que precisamos resolver para sermos uma cidade inclusiva, moderna e que atraia população. Na saúde temos um hospital que vai respondendo às necessidades, mas é claro que há problemas, como a captação de médicos, ou as extensões de saúde.

Que medidas preconiza?

Vamos apresentar a iniciativa “Covilhã em congresso.” Nos primeiros seis meses de mandato, de participação coletiva, com o objetivo



“As pessoas fixam-se se tiverem trabalho e salários dignos, se tiverem respostas sociais e serviços públicos de qualidade”

de discutir o futuro numa série de eixos. Como o desenvolvimento económico, onde há uma série de coisas que continuam no papel. Mas também o problema da habitação, dos serviços públicos, da mobilidade. Pôr sindicatos, movimentos, empresários, eleitos, a discutir o que deve ser o caminho a seguir nos próximos anos. Sem andar a contratar consultoras. Pensamos que se pode fazer muito mais do que se fez. É preciso mobilizar vontades, com a Câmara a mediar e a reivindicar do poder central o que for da sua competência.

E nas freguesias, o que falta?

A reivindicação é de 5% do orçamento anual para elas. A Câmara anda à volta dos 3,5. Nós queremos ir mais além, aos 7,5. E discutir obras imprescindíveis no início de cada ano, para cada orçamento. Se chegássemos aos 10% para as freguesias, com tudo isto, era uma revolução na qualidade de vida das pessoas que lá moram. Foram esquecidas. Há investimento, por exemplo, no domínio da habitação? Temos muito fogos devolutos, mas a atuação foi sempre insuficiente. Há mecanismos para fazer face a isso.

Olhando para antes e depois destes últimos 12 anos, a Covilhã evoluiu, estagnou ou andou para trás?

Houve problemas que foram resolvidos. Mas a natureza das coisas é que quando se resolve uma coisa, surge outra necessidade. É isso que deve motivar os poderes públicos. No plano cultural, por exemplo, há um antes do Teatro Municipal, e um depois. É evidente. Aliás, a proposta do PSD para um novo centro cultural, depois do eclipse total que foram esses os seus mandatos, é o sol em todo o seu esplendor. Custa-me a acreditar, depois do que vi no passado.

Onde houve mais evoluções?

No plano do desporto, no

associativismo. No plano orçamental também houve, tinha que haver. A Câmara conseguiu captar muitos fundos comunitários e fez o que tinha obrigação de fazer, ir às candidaturas. Mas por trás tem que haver uma estratégia, que não se vislumbra. Andámos a pintar ciclovias para quê? Não houve estratégia e resultou num flop.

Uma das principais batalhas tem sido a água e saneamento. A Covilhã está melhor agora?

Há uma evolução. Pelo menos os 51% passaram a valer mais que os 49. No mandato de Carlos Pinto era ao contrário. No saneamento iniciou o resgate, e na nossa perspectiva, bem. É o único caminho que pode permitir baixar os preços. Hoje pagamos o mais caro do País, o que é inaceitável. Na água já não estamos no topo da tabela a nível nacional, mas ainda somos dos mais caros do distrito. Conosco, o resgate mantém-se. Devia era ter sido mais cedo. Mantenho a opinião de que a ICOVI é para extinguir, porque é 100% municipal, mas vende a água à Águas da Covilhã e depois esta, a nós. Há um intermediário que não faz sentido, que é remunerado. Não faz qualquer sentido. A gestão e saneamento pode passar perfeitamente por um departamento municipal, como existe noutras câmaras.

O que será um bom resultado dia 12 de outubro?

Sem presunção, é reconhecido à CDU que quando os órgãos autárquicos têm os seus eleitos, contribuem sempre para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Com propostas, com denúncia, obrigam os outros a trabalhar mais. Esse crédito é-nos devido. Portanto, o melhor resultado para a população é que a CDU possa ser reforçada, para defesa do poder local. Que deve defender as populações e resolver os seus problemas. Vamos trabalhar para obter o melhor resultado.



“As contas fazem-se no fim” garante o candidato da CDU à Câmara da Covilhã

BELMONTE

CENTRO LOCAL ABRE PORTAS

APOIO AOS MIGRANTES NO ANTIGO MERCADO

O Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM) visa facilitar a integração de quem chega ao concelho e à região

JOÃO ALVES

Apesar de Belmonte ter, por esta altura, cerca de 5% de população migrante (abaixo da média nacional, na ordem dos 15), a dinâmica de chegada de novos cidadãos também se faz sentir pelo que é necessário “facilitar a sua integração”. Foi esta a mensagem deixada, no passado dia 28 de agosto, pelo presidente do Conselho Diretivo da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), Pedro Gaspar, que marcou presença na inauguração do Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (CLAIM), que conta com serviços da AIMA e fica situado no edifício do antigo mercado, junto à Loja do Cidadão.

Este serviço passa a ocupar uma sala em que estava instalado um “coworking”, transferido para outro edifício onde está sediada a empresa de tecnologia Wit Software, e irá contar com três técnicos, pagos pelo município (e que já receberam formação para tal), tendo como objetivo o apoio

à população imigrante que se queira fixar no concelho, com os seus assuntos burocráticos, como vistos, legalizações ou outros serviços.

“Portugal sempre teve fluxos de saídas e entradas. O fenómeno migratório tem impactos diferentes em cada uma das regiões, mas é uma oportunidade para os territórios, sobretudo para sectores com falta de mão-de-obra. Esta é uma migração de cariz económico, de pessoas à procura de melhores

condições de vida” frisa Pedro Gaspar.

Em abril passado, o executivo belmontense tinha aprovado um protocolo de colaboração com a AIMA através do qual, com funcionários sob a responsabilidade da autarquia, seria possível tratar de documentos como vistos de residência ou contratos de trabalho. Uma ajuda a uma população que, segundo o autarca belmontense, está a crescer no concelho. “É um serviço muito importante, de proximidade.

Três técnicos, pagos pelo município, irão trabalhar na loja da AIMA



CÂMARA

DIAS ROCHA EXONERA ADJUNTO

■ Há duas condições para nomear elementos para o Gabinete de Apoio Pessoal de um presidente de Câmara: a confiança pessoal e a confiança política. E a quebra de um, ou dois destes “pilares” quebram “irremediavelmente o exercício de tipo de funções, uma vez que o que está subjacente a este tipo de designação deixa de existir”. É este o teor do despacho datado de 8 de agosto, e publicado em Diário da República a 25 do mesmo mês, assinado pelo presidente da Câmara de Belmonte, António Dias Rocha, que justifica a exoneração de Joaquim Antunes do cargo de adjunto, no seu gabinete de apoio pessoal, cargo para o qual tinha sido designado em outubro de 2021, mas que exerceu durante três mandatos consecutivos, ou seja, nos últimos 12 anos.

Em causa o apoio dado por Joaquim

Antunes à candidatura de António Luís Beites à Câmara de Belmonte nas próximas autárquicas de 12 de outubro. Antunes é o terceiro da lista do autarca penamacorense. “Tomou a decisão de apoiar uma candidatura fora do partido em que ele é militante. O senhor adjunto tomou a posição que tomou e não havia outra solução. Ou se demitia ou era demitido” frisa o autarca, que diz ter perdido a confiança política a partir do momento em que o adjunto “está a fazer uma lista contra o que defendemos.” Dias Rocha garante que a consideração, o falar ou não com Joaquim Antunes, não está em causa, pois “uma relação de 30 e tal anos não se perde de um momento para o outro”.

O autarca, apesar de não se poder recandidatar por limitação de mandatos, garante não estar fora da campanha,

“Claro que deixou de haver confiança política a partir do momento que está a fazer uma lista contra o que defendemos”, salienta Dias Rocha

defendendo a candidatura do PS, liderada por Vítor Pereira. “Tem as melhores equipas para ficar à frente de Belmonte” acredita o autarca. O facto de haver cinco candidatos a Belmonte, entre os quais, dois autarcas atualmente eleitos pelo PS (Vítor Pereira na Covilhã e António Beites em Penamacor) é, segundo



Temos cada vez mais gente. Sabemos acolher bem, com dignidade, quem procura Belmonte como porto seguro para as suas vidas” afirma o presidente da Câmara, Dias Rocha, que lembra que a vila sempre se pautou por ser terra de tolerância, com diferentes culturas. O autarca mostra convencido que há cada vez mais imigrantes no concelho, e até espera que haja mais, “que é sinal que há cá trabalho para eles.” Dias Rocha salienta que esta é uma oportunidade para “repovoar” concelhos desertificados, com pessoas que, muitas vezes, “fazem coisas que os portugueses já não querem fazer”.

Segundo o autarca, esta valência “era uma necessidade” num concelho onde se estima que entre 4 a 6% da população já seja imigrante, e em que, por exemplo, no Agrupamento de Escolas Pedro Álvares Cabral, houve no ano letivo passado 49 crianças de nove nacionalidades diferentes, apontando-se este ano para que esse número possa aumentar. Durante a última reunião do executivo, Dias Rocha disse que, segundo números de 2023, no concelho haveria cerca de 168 emigrantes, e que entre 2021 e 2023 o crescimento foi de 70 cidadãos de outras nacionalidades. “Este serviço visa facilitar a sua integração” garante Dias Rocha.

O responsável pelo balcão será Luís D’Elvas, e como outros técnicos estarão Milene Pinto Soares e São José Marques. Além da loja AIMA, ficarão instalados na sala os gabinetes de Apoio ao Emigrante e o de Integração Profissional, que estavam sediados num edifício municipal perto da Praça das Artes.

Dias Rocha, sinal que Belmonte é interessante. “O que tem aqui mais interesse é o povo. É um bom povo. Vale a pena ser presidente da Câmara de Belmonte. Para mim foi uma honra e um privilégio ser presidente da Câmara de Belmonte, mas claro que eu nasci aqui e fui criado aqui”, salienta o autarca. O autarca admite ter ficado “surpreendido” pelo avanço de Beites. “Ainda não há muito tempo vi o meu amigo Beites fazer uma declaração de amor ao PS, aquando da feitura das listas para deputados à Assembleia da República. Vi-o estar ao lado de Vítor Pereira, em representação de Penamacor, na abertura da Feira de São Tiago na Covilhã e via o Beites como candidato em outro município. Mas em Belmonte porquê? Nunca teve nenhuma ligação a Belmonte”, disse, concluindo que “até terá feito um bom trabalho em Penamacor, mas Penamacor não tem nada a ver com Belmonte. Nada, nada, nada”, sublinha.

João Alves

BELMONTE

FEIRA MEDIEVAL

CERTAME CATIVOU ENTRE 15 A 18 MIL VISITANTES

Autarquia e feirantes fazem balanço positivo

Terão sido entre 15 a 18 mil os visitantes na 20ª edição da Feira Medieval de Belmonte, que decorreu entre 14 e 17 de agosto. Os números foram adiantados na última reunião do executivo belmontense pelo presidente da Câmara, António Dias Rocha, que acredita, em termos gerais, as expectativas “estiveram dentro do previsto”, embora os incêndios que no último dia andaram pelos concelhos da Covilhã e Sabugal “tenham acabado por prejudicar um pouco”.

De facto, foi com uma chuva de cinza, na noite de domingo, 17, que o certame fechou, ao som de um concerto coral dos The Gift, no castelo. E tal como em 2022, aquando do grande incêndio na Serra da Estrela, a Belmonte Medieval ficou marcada, no último dia, pelos grandes fogos, que deixaram o céu escuro, e o ar quase irrespirável, tal a quantidade de fumo. Algo que nem escapou aos olhos da vocalista da banda, Sónia Tavares, que disse que a música “curou-nos a tristeza que pairava em todos.” Já nos três dias anteriores houve muita gente, não obstante este ano o recinto estar totalmente fechado e as entradas serem pagas (seis euros os quatro dias, dois euros individualmente). Uma aposta da Câmara que, segundo Dias Rocha, faz sentido. “Se queremos ter mais qualidade, as pessoas têm que se habituar a suportar alguns dos custos. Mas os preços são bastante acessíveis. É o meu último mandato, mas espero que a feira se mantenha, não por mais 20, mas por 200 anos” salientava o autarca. Que acredita que a Belmonte Medieval é já “um marco nacional nas feiras que existem no País” e que a iniciativa é importante para a economia local. “Fica bastante dinheiro, todos os anos, o que acho importante quer para as pessoas de cá, quer para quem cá vem” salienta.

Já o vice-presidente da autarquia, Paulo Borralhinho, acredita que o certame “foi melhor que o ano passado”, segundo o que os expositores lhe transmitiram. Algumas lacunas registadas o ano passado, este ano, “com as alterações introduzidas este ano, correram bastante



Acho fantástica a feira, o ambiente é espetacular”

melhor”. O autarca acredita que o pagamento de entradas “unificou a feira”, combatendo aquilo que no ano passado tinha sido apontado como defeito: parte da feira ser paga e a outra não. “Nós percebemos isso. No ano passado não foi possível, não tínhamos logística para poder fazer toda a feira fechada. Este ano, com mais tempo, conseguimos fazer isso e resultou”.

Durante quatro dias, além dos espetáculos medievais, da animação de rua, das tasquinhas e comes e bebes, houve expositores (embora em menor número) que trouxeram alguma da arte que produzem, uns por hobby, outros a tempo inteiro. É o caso de Diogo Marcelino, 34 anos, artesão de artigos em couro, que viajou desde Avanca (Aveiro) para participar, pela primeira vez, no certame. Apontando como única dificuldade o intenso calor que se fez sentir durante os quatro dias, especialmente à tarde, o artesão, que

está habituado “a uma temperatura mais amena, já que estou perto da praia”, ficou muito satisfeito pela aposta feita. “Acho fantástica a feira, o ambiente é espetacular. Só não estou habituado é ao calor, quase insuportável. Tirando isso, uma feira muito boa, com pessoal deslumbrante, acolhedor, e que vale a pena toda a gente vir experimentar. Tem uma magia característica, muito própria” salienta. No que diz respeito a vendas, “não me posso queixar. Não é a melhor feira do mundo, nesse capítulo, mas tenho vendido o suficiente.” Por isso, voltar é desejo. “Se me derem oportunidade, é uma feira para repetir durante muitos anos” garante.

Mais experiente nestas andanças é Esperança da Glória, covilhanense, de 82 anos, que ainda produz artigos em tecido, bordados e rendas. “Há 20 anos que venho. Desde o primeiro. Este ano, talvez devido ao calor, tem havido menos pessoas durante o dia. Os incêndios também acabaram por

mexer” afirma. Quanto ao negócio, “acabo sempre por vender alguma coisa, porque as pessoas já me conhecem e até há quem venha a pensar que eu cá estou” explica a artesã.

No largo do Pelourinho, Olga Costa, 60 anos, professora, que regressa pelo terceiro ano consecutivo à terra onde se iniciou no ensino, vem mostrar o que faz em artigos de madeira, com desenho em pirogravura. Também por hobby. “De há três anos para cá comecei a pegar num pirógrafo, um ferro em brasa, e comecei a desenhar em peças de madeira. E ando nas feiras, até para encontrar gente que também faça este género de trabalho, para trocar impressões. Nos dias de hoje, acho importantes estas iniciativas para fortalecerem as relações entre as pessoas” afirma. Este ano, apesar da feira ser paga, “estou a ver muita gente a entrar. Se compram ou não, isso é outro assunto. Mas sai sempre alguma coisa” garante. Ali ao lado, Catarina Almeida, belmontense, 42 anos, vende artigos de bijuteria. Diz que “há muita gente, mas aqui nesta zona houve pouca animação de rua. E o que houve, foram espetáculos repetidos.”

Também Mauro Neves, padeiro e pasteleiro, repetente no certame, acha que a animação pode melhorar, embora saliente que, ao contrário do ano passado, o facto de não haver zonas gratuitas melhorou o certame. “Está melhor em tudo. Há mais pessoas, mais seleccionadas. Sendo a pagar, isso acabou por seleccionar público. Também há mais negócio. A animação, já no ano passado falhou e este ano também, embora haja uma ligeira melhoria”, frisa.

Do Louriçal do Campo veio João José, 65 anos, que participa pelo décimo ano consecutivo no certame. Traz produtos da terra para vender, como o queijo, o mel e o azeite. “Senti a feira um pouco mais fraca, em relação a outros anos, talvez devido ao calor. Mas mais durante a tarde. À noite, não. Tem muita gente. Vendo produtos tradicionais, feitos por mim e pela minha família e já participo há vários anos. Tem melhorado e acho que já está no ponto alto. Mesmo com o pagamento de entradas, não afastou pessoas. Há sempre muita gente”, garante.

Pela primeira vez, a feira teve entradas pagas em todo o recinto

MANTEIGAS

PENHAS DOURADAS

ABERTO CONCURSO PARA REQUALIFICAR ACESSO

Autarquia avança com obras no valor de 269 mil euros. Plano de Pormenor está em discussão pública

JOÃO ALVES

Com a demora dos concursos, e com as condicionantes que o inverno impõe, à partida, só em abril ou maio do próximo ano é que as obras estarão prontas, prevê o presidente da Câmara de Manteigas, Flávio Massano. Mas para já, a autarquia, em sessão do

executivo do passado dia 1, decidiu abrir dois concursos públicos para a requalificação do acesso ao Poço do Inferno, e também para o acesso às Penhas Douradas.

No primeiro caso, prevê-se um investimento de 336 mil euros, e uma execução de 90 dias.

Já nas Penhas Douradas, o preço base da empreitada é de 269 mil euros e o prazo de execução previsto é também de 90 dias. Ainda nesta zona da Serra, a Câmara acaba de submeter a discussão pública a proposta do Plano de

Pormenor das Penhas Douradas, por um período de 40 (quarenta) dias úteis. Que se destina à apresentação de reclamações, observações ou sugestões por escrito de todos os interessados, “sobre quaisquer questões que possam ser consideradas no âmbito do processo de elaboração” do respetivo Plano de Pormenor. A documentação referente a este procedimento encontra-se disponível para consulta no sítio da Internet da Câmara Municipal de Manteigas, bem como no Balcão Único do Municipal, mediante marcação prévia.



Projeto de arquitetura está feito, mas fica para um futuro executivo

MATUFA GREEN PARK

QUEM VIER QUE DECIDA SOBRE O PROJETO

■ O projeto “Matufa Green Park”, que contempla a criação de um espaço verde, ecológico, no meio da localidade de Manteigas, será decidido pelo executivo que resultar das eleições autárquicas de 12 de outubro. É que, no passado mês de agosto, a apreciação e votação do projeto de arquitetura paisagística, que já tinha sido adiada em junho, voltou a ser protelada pelo executivo.

Depois de, na altura, o autarca local ter apresentado algumas imagens e linhas gerais de um projeto que visa a requalificação de um local que está sem aproveitamento, no centro da vila, num espaço verde, natural, num projeto avaliado em cerca de 900 mil euros, no mês passado o mesmo voltou à sessão do executivo, já com contributos da oposição que em junho discordara de algumas opções do mesmo. “Está de acordo com o anterior, com contributos dos vereadores e não foi desvirtuado” garantiu o presidente da Câmara, Flávio Massano, que alertou, contudo, que mesmo que o projeto fosse aprovado nesta altura, muito dificilmente ainda iria a concurso neste mandato. “Ficaria, pelo menos, o projeto de arquitetura” disse. Nuno Soares, agora vereador independente, concordou que já não haverá tempo nem para lançar o concurso, nem para executar a obra, e apesar de ver diferenças de que gostou, mostrou-se favorável a outro tipo de solução para o local, “mais light, com preços mais baixos”.

Flávio Massano recordou que soluções mais baratas revelam-se, na maioria dos casos, “mais caras”, optando por soluções “mais duradouras” que, apesar do preço, têm financiamento assegurado. No entanto, o autarca disse “não ver mal” na retirada do ponto, de modo a que um futuro executivo decida o que fazer, o que acabou por acontecer.



PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS

VÃO SER CRIADOS CONDOMÍNIOS DE ALDEIA

■ O executivo da Câmara de Manteigas aprovou por unanimidade, na sua última reunião, a 1 de setembro, a aquisição de serviços para a constituição de Condomínios de Aldeia, uma medida a nível nacional, de prevenção contra incêndios rurais, que prevê a desmatação em redor de aldeias.

No caso do concelho de Manteigas, a medida é para aplicar junto a localidades como Sameiro, Vale de Amoreira e também de algumas zonas do Cabecinho. Está previsto também a plantação de árvores, como oliveiras envasadas.

Flávio Massano salienta que está previsto o corte de espécies invasoras

e que o programa pode ser adequado à realidade concelhia, e que apesar da Câmara não poder obrigar os proprietários a aderirem, irá trabalhar na sensibilização para que isso aconteça. “É por aí que temos que conversar. Explicar que lhe vamos entregar oliveiras gratuitamente para terem alguma rentabilidade”, disse.

FUNDÃO

FERIADO MUNICIPAL

ROMARIA DE SANTA LUZIA NO CASTELEJO

Maior festa religiosa do concelho decorre a partir de domingo

É considerada por muitos a maior manifestação religiosa da Cova da Beira. O Castelejo, no concelho do Fundão, é palco, entre domingo, 14, e terça-feira, 16, dos festejos de Santa Luzia e Santa Eufêmia, que coincidem com o feriado municipal

que se celebra na segunda-feira, 15, Dia de Santa Luzia.

A romaria é o ponto alto da cultura religiosa e popular no concelho do Fundão e o programa dá relevo à componente religiosa, sem esquecer a animação, as tradições e iconografias. O destaque vai para a procissão de velas, que tem lugar no domingo, às 22 horas, e a missa solene seguida de procissão e recolha da imagem

de Santa Luzia, que tem lugar na segunda-feira, às 11h30.

Em comunicado, a autarquia recorda que face a esta efeméride, o habitual mercado semanal não se realiza na segunda-feira, mas sim na terça, e que a praça municipal estará encerrada segunda, reabrindo terça, no período habitual, com a presença dos produtores locais.



Mercado semanal passa de segunda para terça-feira

CMF

COVA DA BEIRA CONVERGE

ENCONTRO NO QUARTEL DOS BOMBEIROS

■ O movimento Cova da Beira Converte promove no sábado, 13, o seu 30.º Encontro, das 15 às 18h30, no quartel dos Bombeiros Voluntários do Fundão. O encontro terá como foco uma assembleia popular sobre incêndios, sob o tema: “O que vamos fazer pela nossa região?”

“O objetivo será refletirmos em conjunto e definirmos ações concretas e propostas, que possam não só responder aos desafios imediatos da nossa região, como também ser apresentadas no âmbito do novo ciclo autárquico” explica em comunicado o movimento.



Tema dos incêndios na região debatido no quartel dos bombeiros fundanenses

BVF

EM DUAS RUAS DA CIDADE

OBRAS CONDICIONAM TRÂNSITO

■ O trânsito vai estar condicionada, até final desta semana, numa artéria da cidade, e até dia 19, numa outra, face a obras que estão a decorrer. No primeiro caso, na rua Padre Dr. José Mendes Gil, face à desmontagem dos painéis de vedação do estaleiro da empreitada do Centro de Acolhimento de Empresas Tecnológicas do Fundão, e no segundo, na rua da Quintã, face à demolição de um imóvel no âmbito da construção de edifícios habitacionais apoiados pelo PRR.

A autarquia fundanense acrescenta que na primeira rua, a circulação automóvel poderá sofrer alguns condicionamentos, sem que, no entanto, seja necessário proceder ao corte total do trânsito. Na segunda, será necessário condicionar, pontualmente, o trânsito nesta artéria, de segunda a sexta-feira, entre as 8 e as 12 horas, e entre as 13 e as 17. No período de tempo referido, “as paragens do trânsito pontuais para carga/descarga de materiais provenientes das demolições a decorrer na obra terão uma duração estimada de 30 minutos.”

PISCINAS

ABERTAS INSCRIÇÕES PARA A ESCOLA DE NATAÇÃO

■ Tem início na segunda-feira, 15, o período de renovação de inscrições para a Escola Municipal de Natação do Fundão, online, e presencialmente ou por telefone, a partir de terça-feira, 16.

Já as novas inscrições terão início no dia 22 e serão “obrigatoriamente realizadas de forma presencial” nas piscinas municipais cobertas, de segunda a sexta-feira, explica a autarquia em comunicado. Os utentes terão diversas atividades ao seu dispor, nomeadamente natação para bebés, jovens e adultos, hidroginástica e hidrosénior e natação livre. A Câmara adianta ainda que as piscinas municipais descobertas fecham na próxima segunda-feira.

O QUE VEM À REDE

“É impossível nesta ocasião não falar da tragédia que o país viveu nas últimas semanas (...) e é difícil olhar para tudo isto, ano após ano, sem pensar que o Estado tem falhado nas últimas décadas”,

JOSÉ PEDRO AGUIAR BRANCO,
Pres. Assembleia da República,
discursando no aniversário dos
Bombeiros Voluntários do Porto



EURONEWS

“O líder máximo da maior super-potência do mundo, objectivamente é um activo soviético... russo”,

MARCELO REBELO DE SOUSA,
Presidente da República,
sobre a posição de Trump
em contexto de guerra na Ucrânia,
in Universidade de Verão do PSD



SIC NOTÍCIAS

“Nunca conseguimos ser o campeão do mercado (...) Temos sido mais fortes a conquistar campeonatos”,

FREDERICO VARANDAS,
Presidente do Sporting
Clube de Portugal,
justificando resultados
do mercado de
transferências



RECORD

“Não vamos agora pôr a frota da Armada Portuguesa a acompanhar esta flotilha ou a desencadear uma guerra contra Israel, não sei bem o que é que se pretende”,

PAULO RANGEL, Ministro dos Negócios Estrangeiros à LUSA



“O Governo de Portugal financiou, com cerca de 150 mil euros, a criação de espaços escolares nos hospitais de Chernihiv e Chérkassy, na Ucrânia”,

in Página Oficial do Governo da República Portuguesa



CNN PORTUGAL

EXPRESSO

VOZES DO POVO AQUI CHEGAM AOS SEUS

O MAIOR INCÊNDIO DE SEMPRE NA COVILHÃ



Acompanhe-nos on-line:
noticiasdacovilha.pt

“Para todos, os culpados são os governantes. Desde o presidente da junta, à câmara e aos altos postos da governação. Até o presidente e a Europa estão no mesmo patamar. Todos sabemos que as alterações climáticas iam dar nisto ao fim de décadas”
→ **Fúlvio Luís**

“Agora é hora de começar a planear e organizar o reflorestamento com espécies nativas, e não só com eucaliptos”
→ **Bianca Dias**



NOTÍCIASDACOVILHA.PT
O "maior incêndio" de sempre no concelho da Covilhã - Jornal Notícias da Covilhã
Já ardeu mais no concelho da Covilhã neste fogo do que em todos os municípios afetados pelo g...

“Infelizmente, fruto da inação no tempo certo é incompetência da própria autarquia. Em vez de andar a dizer baboseiras na comunicação social,

teria feito muito melhor se no devido tempo aplicasse as medidas necessárias a fim de evitar o terrível flagelo. É triste que tenhamos autarcas de

secretária e de bolsos cheios. Que obra de inovação deixa na cidade?”
→ **Isabel Ribeiro**

“Agora as câmaras têm culpa de termos um governo que esqueceu o Interior. Eu acho uma piada... Foi preciso chegarmos a este estado, morrer um homem, para o querido primeiro-ministro, que por acaso não é socialista, chamar ajuda. Tenham noção da realidade”
→ **Ana Ferreira**

DESPORTO

SPORTING DA COVILHÃ

À PROCURA DA PRIMEIRA VITÓRIA

Serranos defrontam no domingo, em casa, o Mafra

JOÃO ALVES

O começo não foi o mais desejado: três jogos, duas derrotas e um empate. Os desaires, fora, frente ao Caldas (2-1) e em casa com o 1º de Dezembro (0-1), foram com golos sofridos nos últimos minutos. O único ponto alcançado em Santarém (1-1) num jogo bem conseguido pelos Leões da Serra, que ainda desperdiçaram uma grande penalidade. Agora, segue-se no domingo, no Santos Pinto, o Mafra, às 17 horas, em jogo da quarta jornada da série B da Liga 3, onde os serranos são, neste momento, últimos.

Para já, o apelo é à calma. Quer por parte da direção, quer pelo treinador, José Bizarro, que aproveitou uma pausa de quase três semanas para afinar a equipa, com a realização de jogos de preparação, que se saldaram num empate (1-1) frente ao Sernache, e numa vitória (3-2) frente ao Oliveira do Hospital, ambos conjuntos do Campeonato de Portugal. O técnico diz agora ter mais opções (Rui Faria lesionou-se por período largo, mas Covilhã reforçou-se com André Liberal, avançado, ex-Paços de Ferreira, e Kawan). “Temos mais opções no plantel, mesmo tendo 9 jogadores não formados localmente, o que vai complicar as minhas escolhas. Mas vai ser uma boa dor de cabeça e obriga que todos eles trabalhem muito e bem, para poderem ser convocados. Se assim não for, poderão jogar na equipa B para não estarem parados” frisa o treinador dos serranos à RCB.



Leões da Serra são últimos da série B, com um ponto

De notar que o Mafra foi esta época relegado da II Liga, é um dos candidatos à subida, mas após três jogos, regista uma derrota, um empate e uma vitória, com quatro pontos.

Após esta partida, nova paragem no campeonato, para dar lugar à Taça de Portugal, onde os serranos defrontam fora, na segunda eliminatória (ficaram isentos da primeira), a Ovarense, equipa que milita hoje no distrital de Aveiro.

PATROCÍNIO RENOVADO COM A YES ENERGY

Entretanto, o Sporting da Covilhã anunciou na semana passada a renovação da parceria iniciada no ano passado com a empresa Yes Energy, do setor energético, por mais um ano. Em comunicado, o clube salienta que além da manutenção do naming da bancada nascente e do patrocínio às camisolas da formação dos escalões de escolinhas e benjamins, foi também apresentada

Serranos procuram no domingo a primeira vitória em jogos oficiais esta temporada

a novidade desta temporada: a campanha “Energia que Une”. “Este projeto inédito prevê um apoio direto de cerca de 170 mil euros, através do qual cada sócio do Sporting da Covilhã que aderir à Yes Energy terá um desconto imediato de 30 euros na sua fatura de energia, enquanto o clube receberá também 30 euros por cada adesão, reforçando a sustentabilidade do emblema serrano e o vínculo com a comunidade” salienta o Sporting da Covilhã.

PUBLICIDADE

foto
académica
Filipe Pinto

REPORTAGENS FOTOGRÁFICAS
TUDO PARA COMUNHÃO E BAPTIZADOS | ARTIGOS
RELIGIOSOS | PARAMENTARIA | ARTIGOS NUMISMÁTICA

Escadas do Quebra Costas n.º 2, 6200-170 Covilhã
E-MAIL: fotoacademica@hotmail.com | TEL.: 919 487 978 | 964 196 950

FILIPPE PINTO

DESPORTO

TRIATLO

“ESTRELA XTREME” EM GOUVEIA



EXT

Na prova mais exigente, atletas completam quatro mil metros de natação, 190 de ciclismo e 41 de corrida

Serra da Estrela será palco de prova com três desafios diferentes

O concelho de Gouveia é palco, entre sexta-feira, 12, e domingo, 14, de mais uma edição do “Estrela Xtreme Triathlon”, uma prova de triatlo que irá englobar natação na lagoa do Vale do Rossim, ciclismo nas estradas entre Gouveia e Manteigas, e atletismo, também nos mesmos

concelhos da Serra da Estrela.

A edição deste ano contará com três desafios, podendo os participantes escolher entre três competições diferentes. O “Estrela Xtreme Triathlon – Starter”, que consiste em mil metros de natação nas águas do Vale do Rossim, 53 km de bicicleta e 15 de corrida. O “Estrela Xtreme Triathlon – Half”, em que os triatletas se põem à prova em dois mil metros de natação, 105 de bicicleta e 21 de corrida; e o “Estrela Xtreme

Triathlon – Full” a prova mais desafiante, com 4000 metros de natação, na Vale do Rossim, seguidos de 190 km de bicicleta com 4700 metros de desnível positivo e 41 km de corrida com 1600 metros de desnível positivo.

Segundo a organização, o “Estrela Xtreme Triathlon” baseia-se noutras provas idênticas e de referência internacional realizadas na Europa, e posiciona a Serra da Estrela, e principalmente os concelhos organizadores, “como locais adequados para a prática de atividade física, onde prevalecem os recursos naturais e desportivos importantes para a realização desta prova.”

Prova baseada em outras que se realizam na Europa

FUTSAL

AD FUNDÃO GOLEADA NA ESTREIA

■ Não foi o melhor começo. A Associação Desportiva do Fundão (ADF) foi goleada na primeira jornada no nacional da primeira divisão de futsal (Liga Placard), por 6-1, na deslocação à quadra dos Leões de Porto Salvo, no passado sábado.

A equipa de Nuno Couto, com várias mexidas no plantel desta temporada,

ainda equilibrou na primeira parte, pois ao intervalo apenas perdia por 2-1. Mas no segundo tempo não teve hipóteses perante a superioridade da equipa da casa.

Na próxima jornada, os fundanenses defrontam em casa, no domingo, às 16 horas, o Torreense.

Fundão foi incapaz de travar superioridade dos Leões de Porto Salvo



LEÕES DE PORTO SALVO

BREVES

MELHORES DO ENDURO EM VILA DE REI

■ O concelho de Vila de Rei é palco, este fim-de-semana, da quinta etapa do FIM- Campeonato do Mundo de Enduro GP, que trará ao distrito alguns dos melhores pilotos mundiais. Em abril, o campeonato abriu em Portugal, na zona de Fafe, e regressa agora ao nosso país, à Beira Interior.

PENTA CLUBE FAZ ANOS

■ O Penta Clube da Covilhã, no âmbito das comemorações do seu 15.º aniversário, leva a cabo, entre segunda-feira, 15, e sexta-feira, 19, uma semana aberta com a realização de treinos abertos nas modalidades de atletismo, trail run, esgrima e laser run, no Complexo Desportivo da Covilhã.

OPINIÃO



PAÍS SEM GLÓRIA

FRANCISCO FIGUEIREDO
DIRECTOR



Duas notícias para Carlos Moedas. Uma é que só há erros humanos. Outra é que é dele a responsabilidade política. Toda dele. Toda-nha. Mas isso parece indiscutível. Vamos lá ver. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa é, para todos os efeitos, quem mantém confiança na administração de uma empresa que o Município administra. Que deverá ter sido nomeada, não por competências ao nível da mecânica de elevadores, mas por incontestável capacidade de gestão no sector dos transportes. Está-se mesmo a ver. Outra coisa na mesma senda, é que se a administração (não) administra, é a quem devemos pedir meças por um assunto que lhes diz respeito. Está sobre a sua tutela. Ora como o tema é a gestão de um equipamento

de mobilidade pública, logo no seu domínio. Não era uma torradeira caseira que em princípio só causará danos ao utilizador que permitindo o descabelar dos fios morreu electrocutado ao tentar tirar uma torrada munido de um garfo. Este aparelho existia para transportar pessoas. Muitas pessoas. A cada dia que passava mais pessoas. Portugueses e estrangeiros. Trabalhadores, estudantes, locais e turistas. Que quer estejam a trabalhar ou a passear, devem exigir fazê-lo em segurança. Se não estão seguros, se não podem confiar no transporte que utilizam, esse equipamento não pode estar a funcionar. E como lhe tinha sido atribuído o estatuto de Monumento Nacional, deveria estar estacionado onde durante tantos se moveu. E dessa forma seria apenas um local de visita facultativa. Com um guia que diariamente contava as histórias que marcaram o seu funcionamento e ajudava os interessados a interpretar um cartaz que avisava; “Este elevador inaugurado em 1885 parou em tal data “assim assim”, porque os responsáveis por ele não foram capazes de o manter em

funcionamento”. Esperando que dessa forma, parado, o móvel não causasse vítimas graves. Que não matasse inocentes que só queriam desfrutar da vida. Afinal, tal como todos nós, incluindo os administradores municipais. Ora havendo responsabilidade política e operacional, resta determinar as causas técnicas. O acidente não se deu por obra e graça do Divino Espírito Santo. Se existia manutenção, e era alvo de vistorias diárias, alguma coisa não bate certo. É aí que todos deveremos querer chegar. Uma exigência natural. Se duvidarmos do apuramento da verdade, e não confiarmos nos meios que temos como forma de elevar a qualidade das nossas vidas, então não estamos em condições de oferecer um país seguro. A quem cá vive, e a quem nos visita. Se a massificação do turismo pode estar a matar Lisboa, nós, lisboetas, portugueses de todo o país, estamos a matar-nos. Infeliz e literalmente. Daqui a alguns anos, muito provavelmente haverá gente que dirá que o princípio do fim dos dourados anos do turismo na capital, foi a Tragédia do Elevador da Glória.

GUIA

AGENDA CULTURAL

PORTUGAL CERÂMICO

■ Está patente na Covilhã a exposição “Portugal Cerâmico” da responsabilidade da Associação Portuguesa das Cidades e Vilas de Cerâmica (AptCVC), que congrega 31 cidades e vilas, principais centros sustentáveis de cerâmica artesanal e contemporânea em Portugal.
→ Galeria António Lopes, até 28 de setembro



CONTRADANÇA NA GUARDA

■ Tem lugar para a semana o 16º Contradança – Festival de Dança e Movimento, com ‘workshops’, debates, dança, música e um espetáculo de dança comunitário, numa parceria com a ASTA.
→ De 17 a 20 deste mês, TMG

A NÃO PERDER

“AQUI NINGUÉM PAGA”



17
SET

21:30
TEATRO DAS
BEIRAS

■ O Teatro das Beiras (TB) retoma, na próxima semana, as “4ªs de teatro” no auditório Fernando Landeira, com a peça “Aqui ninguém paga”, de Dário Fro, Prémio Nobel da Literatura. Num cenário de protesto contra o aumento dos preços, Antónia, dona de casa, sai do supermercado com produtos que não paga, com a ajuda de Margarida, que também a ajuda a esconder o saque em casa, perante o marido de Antónia,

um “legalista” dos quatro costados, que não pactua com roubos. Uma comédia mordaz, mas também crítica e de consciência social, frisa o TB. Um texto traduzido por Gil Salgueiro Nave, encenado por Elsa Valentim e José Peixoto, com interpretação de Graciano Amorim, Jorge Silva, José Peixoto, Marco Trindade, Patrícia André, Raquel Oliveira e os estagiários Joana Batalha e Miguel Cruz.

BALLET

“GATE 57” EM CASTELO BRANCO

■ A Quorum Dance Company, ex- Quorum Ballet, apresenta hoje na capital de distrito “Gate 57”, uma “viagem a um tempo em que podíamos flutuar entre memórias de tardes ensolaradas e conversas intermináveis, onde o presente se torna eterno”. Segundo a companhia, é um portal que convida “a desacelerar, a sentir, a redescobrir a beleza do agora, transcendendo espaço e tempo. A leveza do ser contrasta com o peso da velocidade contemporânea, criando uma nostalgia descomplicada, onde a música ecoa como um murmúrio de um passado sereno.” Em “Gate 57”, somos desafiados a refletir sobre o valor das pequenas coisas, redescobrimo a tranquilidade que nos permite ser verdadeiramente humanos.
→ quinta-feira, 11, 21:30, Cine-Teatro Avenida



(DZIEWCZYNAAFERZYSTY)

MÚSICA

BUBA ESPINHO

■ Buba Espinho, jovem fadista e cantor natural de Beja, que se destaca por cruzar de forma única o Fado com o Cante Alentejano, sobe ao palco da principal sala de espetáculos da Guarda no próximo sábado. Buba Espinho tem como missão preservar

e renovar tradições, incorporando elementos contemporâneos. Com álbuns como “Buba Espinho” (2020) e “Voltar” (2023), e colaborações com nomes como António Zambujo e Bárbara Tinoco, tem conquistado público e crítica, levando a música tradicional portuguesa a novos palcos.



13
SET

21:30
TMG

TMG

PORTUGAL



ANTENA1

O MUNDO EM 80 ANOS

**PEDRO
CASTAÑO**



“Pode alguém ser quem não é?” Pode alguém ser maior do que o que é? Quando a mente não nos sossega e nos empurra para a constante curiosidade de conhecer o mundo... quando a mente não nos sossega e nos empurra para a necessidade de espalhar a nossa visão da vida, lá está! – “espalhem a notícia”

Cabe muito mundo em 80 anos!

Sérgio Godinho, SG sem filtro. Um português que parece suave tal a candura com que descreve as turbulências da vida: a liberdade, o trabalho (até uma música dedicada ao trator fez!), a justiça. E o amor, claro, a parte mais bela da vida!

Cabe muito mundo em 80 anos!

É, será sempre, um dos mais influentes cantautores, com um início de carreira marcado pela música que o regime do Estado Novo empurrou para a intervenção - O seu primeiro álbum, *Os Sobreviventes* (1971), foi censurado – tempos em que não se podia falar da vida. Viveu o maio de 68 e o 25 de Abril,

tanto mundo nessas vivências – mais do que em muitas vidas. Com urgência de intervir, de participar, de divulgar.

Cabe muito mundo em 80 anos!

Tanto mundo que o período revolucionário também é o período para criações que ainda hoje nos emocionam. Andamos sempre “Com um brilhozinho nos olhos”, por amarmos a vida. E não melhor síntese da essência da vida e do amor por ela quando percebemos que todos os dias são “O primeiro dia do resto das nossas vidas”.

Cabe muito mundo em 80 anos!

Sérgio, um “homem dos sete instrumentos”, que o mundo não cabe num só: Escritor de romances e contos, como *Coração Mais Que Perfeito* e *Vidadupla*; Ator e realizador, com participações em filmes como *Kilas*, *o Mau da Fita*; Autor de programas de televisão, como *Luz na Sombra*; Cantautor, é incontornável o seu legado enquanto escritor de canções. De algumas das mais belas canções escritas em português. A sua obra tem sido reinterpretada por várias gerações de músicos. Em 2023, mais de 40 artistas portugueses participaram numa homenagem promovida pela Rádio Comercial, interpretando “O Primeiro

Dia”. Como buscador de mundos teve ao seu lado velhos amigos e novos talentos. Pedro Abrunhosa, Capicua, Carolina Deslandes, Rui Veloso, Camané, Jorge Palma...

Cabe muito mundo em 80 anos

Um homem do mundo vê os outros como irmão de toda a humanidade. *O Irmão do Meio*. Mais mundos a juntar a um grande mundo - Caetano Veloso, Teresa Salgueiro, Tito Paris, Da Weasel e Xutos & Pontapés

Cabe muito mundo em 80 anos

Tanto que há estudos académicos, onde se destaca a sofisticação rítmica, melódica e harmónica da sua música. Bem como a riqueza poética das suas letras. Tanto que a Universidade de Aveiro o reconheceu como uma das figuras mais influentes da música portuguesa dos últimos 50 anos. Aos 80 Sérgio Godinho continua ativo, com concertos, novos livros e projetos em curso. A sua longevidade artística e coerência ética fazem dele um símbolo de integridade cultural e liberdade criativa em Portugal.

Cabe tanto mundo em 80 anos.

Nós tivemos a sorte de o ver criar, as gerações vindoras terão a sorte de se deliciar com o seu legado. Obrigado Sérgio.

ÚLTIMA PÁGINA

PERSONALIDADES

Luís Fernando Veríssimo (1936-2025)

O saxofone é para muitos amantes do jazz, o instrumento. Foi-o para tantos, incluindo Veríssimo que desde cedo fez dele o seu companheiro. Adolescente, muito antes de descobrir a escrita. “Na época não tinha nenhuma intenção de ser escritor, fui começar a escrever com mais de 30 anos. A música foi uma constante sempre, sempre preferi a música, tocava com mais gosto do que escrevia”, confessou o cronista do Brasil que tocava sax na banda Jazz 6, a que o autor chamou o “menor sexteto do mundo”, porque só tinha cinco executantes. Apesar desta dedicação ao sopro e ao jazz, foi sem dúvida a sua literatura que encantou o Brasil, marcando a cultura do país. Veríssimo filho de Veríssimo, gaúcho natural de Porto Alegre, passou a infância nos Estados Unidos, mas foi no regresso às origens que já homem feito se deixou levar pelas letras, primeiro como revisor, tradutor, e mais tarde como escritor. Dono de uma leve, informal e bem-humorada forma de escrita, Luís Fernando Veríssimo publicou mais de 70 obras, entre romances, crónicas, contos e histórias de banda desenhada. Também como roteirista para cinema e televisão, e cronista na imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro. Tímido, não gostava de falar, expansivo ao escrever. “Essa é uma das vantagens da crónica. A gente pode ser o que quiser escrevendo uma crónica”, disse numa entrevista. Apaixonado pelo futebol, adepto do Internacional disse um dia quando assistiu pela primeira vez a um jogo no estádio; “Nunca me vou esquecer do cheiro da grama”. O Brasil e o mundo nunca se esquecerão do brilho da sua existência.

Francisco Figueiredo



ESTADÃO

O SEU JORNAL ESTÁ AQUI NO TEIXOSO

GALERIA DO CAFÉ

E EM MAIS DE 200 LOCAIS:

- Casa da Sorte - Unh. da Serra
- Meu Super - Tortosendo
- Pingo Doce
- P. Papelito - Manteigas
- CM Covilhã
- Serra Shopping

- Lidl - Covilhã
- CM Penamacor
- Central Camionagem
- Centro Hospitalar
- Estação da CP - Covilhã
- Galp da Covilhã
- Tab. Rogeiros - Boidobra
- Amanhecer - Teixoso

- Junta Freg. Belmonte
- Junta Freg. Teixoso
- C.C. Estação - Covilhã
- Mepisurfaces
- Mercado Municipal
- G.Recr. Refugiense
- Quiosque Estrela 2000
- P. Sonypal - Tortosendo

- Intermarché - Covilhã
- Twintex
- UBI - Polo 1
- UBI - Biblioteca Central
- UBI - Ciências
- UBI - Engenharias
- Fitecom - Tortosendo
- Espl. O Jardim - Penamacor

RUI F.L. DELGADO

UMA NUVEM INÉDITA NO CÉU DE NOVA YORK*

11 de setembro de 2001 (em Nova York)

Não havia uma nuvem no céu de Nova York pela manhã. Era um perfeito dia pré-outonal nesta cidade, que fica particularmente bem no outono, e nosso programa incluiria caminhada matinal pelo Central Park para comemorar o fim do calor e das chuvas que pegamos desde a nossa chegada, no domingo. Mas todos os planos e possivelmente todas as vidas do mundo mudaram em pouco mais de meia hora. Antes das 9h, uma nuvem que ninguém poderia prever ou imaginar cobria a ponta sul da ilha de Manhattan, onde as torres ardiavam. Uma nuvem que aumentou com a queda dos dois arranha-céus e ainda perdura no ar enquanto escrevo. Estamos longe do sul de Manhattan, e o que se vê nas ruas aqui por perto é apenas incredulidade, gente que mora fora da cidade se comunicando com suas casas, já que todas as saídas da ilha foram fechadas, e uma certa calma resignada, como se a tragédia fosse fenómeno natural — talvez porque as cenas que darão a verdadeira dimensão do horror, a dos mortos entre os escombros das torres destruídas, ainda não foram ao ar. É difícil saber neste momento o que a nuvem inédita, cujo único precedente para os americanos é a fumaça que pairou sobre Pearl Harbor durante dias depois do ataque japonês, prenuncia. As TV's mostraram cenas de palestinos

comemorando os atentados. Todas as especulações sobre sua autoria envolvem o fundamentalismo muçulmano, e o efeito mais direto do terror será, provavelmente, uma mudança radical do posicionamento americano no conflito entre judeus e palestinos, que tinha evoluído, na transição de Clinton para Bush, de envolvimento cauteloso para distanciamento cauteloso. Se as especulações estiverem certas, o distanciamento perdeu sentido: a guerra do Oriente Médio foi trazida, espetacularmente, para cá. Os Estados Unidos passaram por duas guerras mundiais sem serem atacados, descontento o bombardeio do seu território havaiano. Com o fim do confronto com a União Soviética, e da própria União Soviética, acabou o pavor de uma guerra nuclear. Mas a nuvem cobrindo os destroços do World Trade Center não foi a única cena inédita deste dia do qual, confesso, eu estou esperando acordar a qualquer momento. Inédito também foi ver americanos e visitantes olhando para o céu ao ouvir ruídos de aviões, sem saber se são amigos ou inimigos.

Luís Fernando Veríssimo

* Crónica escrita para o Globo no dia 11 de Setembro de 2001 em Nova York.

PUBLICIDADE

SOMOS PELA ESCRITA LIVRE. SEM ACORDOS. EM BOM PORTUGUÊS.

NOTÍCIAS DA COVILHÃ